

Venda proibida
distribuição gratuita

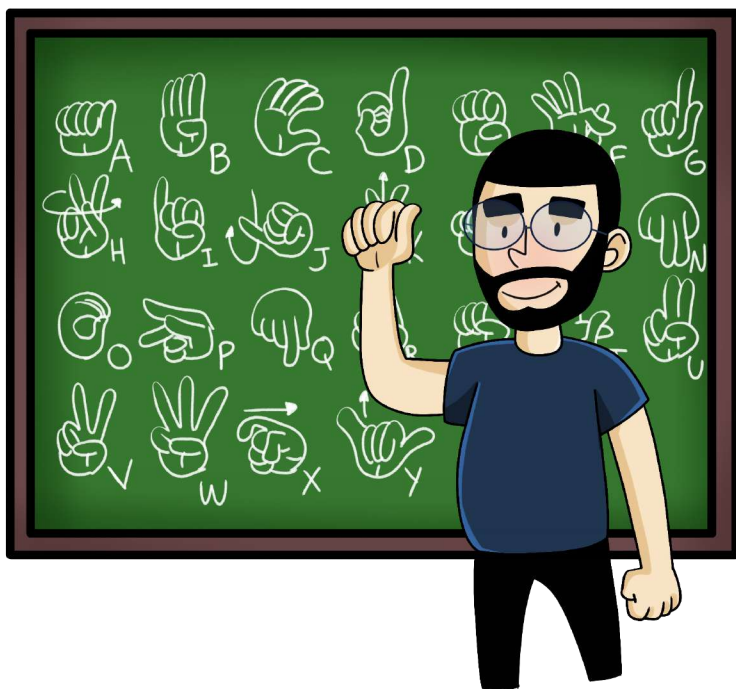
SE LIGA NOS SINAIS

Jadson Nunes



SE LIGA NOS SINAIS

Jadson Nunes



Copyright ©2023 by Jadson Nunes Santos
Direitos reservados à Escola do Parlamento “Dr. Osmar de Souza” Câmara Municipal de Itapevi – Rua Arnaldo Sérgio Cordeiro das Neves, 80 Vila Nova Itapevi, CEP 06694-090 – Itapevi/SP – Brasil
www.camaraitapevi.sp.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jadson Nunes
Se liga nos sinais / Jadson Nunes Santos. --
Itapevi, SP : Itapevi Câmara Municipal, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-87812-07-6

1. Braille (Sistema de escrita) 2. Educação de surdos 3. Interpretes para surdos - Formação 4. Libras - Glossários - Português 5. Língua brasileira de sinais - Estudo e ensino I. Título.

23-168302

CDD-419.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Libras : Língua brasileira de sinais : Estudo e ensino 419.07

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Coordenação: Roberto Eduardo Lamari

Revisão técnica: Carla Sant Ana Souza Nogueira (surda) e
Aline Martins de Almeida

Foto: Cunha Junior

Revisão textual: Fernando Marcondes do Prado

Ilustração e Capa: Lucas Ramon Alves de Lima Maciel (surdo)

Diagramação e Projeto gráfico: Rennan Andrade

SOBRE O AUTOR:



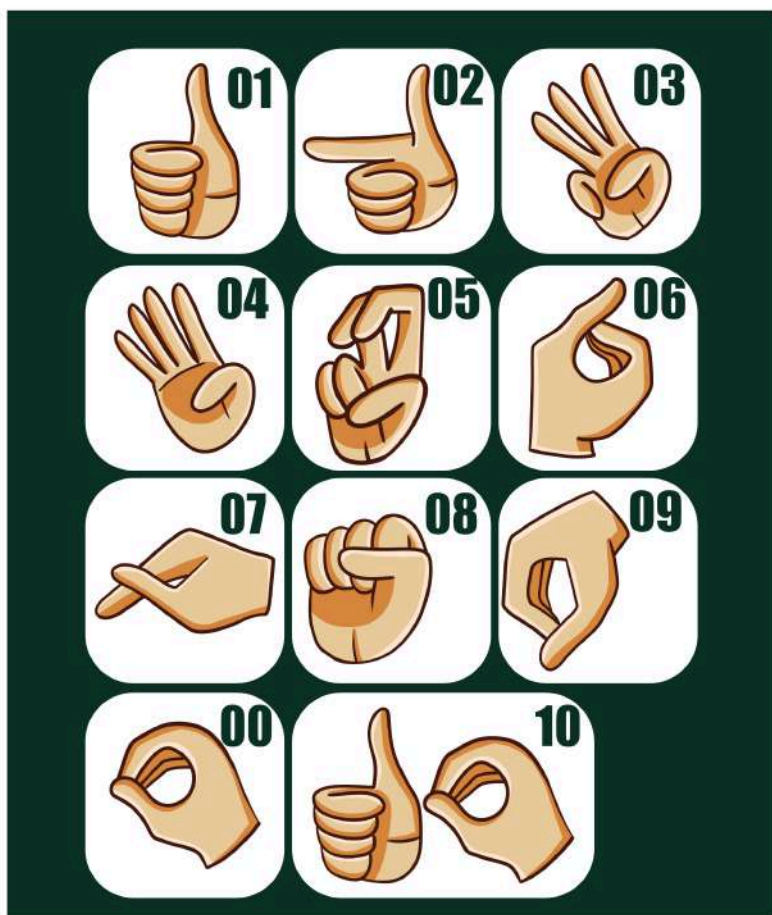
Professor Jadson Nunes é tradutor e intérprete, especialista em língua de sinais e mestrando em Planejamento e Desenvolvimento Regional. Possui experiência em interpretação simultânea para surdos em diferentes esferas discursivas, dentre as quais, destaca-se pela atuação na esfera legislativa. Também detém o domínio de diferentes sistemas comunicacionais de guia- interpretação para surdocegos. Além de docente no campo dos Estudos da Tradução, também é pesquisador, com publicações de livros e artigos relacionados a temática da inclusão e acessibilidade. Atualmente, é analista legislativo Letras / Libras na Câmara Municipal de Itapevi e Diretor Executivo da Escola do Parlamento “Dr. Osmar de Souza”.



ALFABETO EM LIBRAS



NÚMEROS EM LIBRAS



A	B	D	F	G	H	M	O	U	W	X
S	E	1	T	Q	K	N	O	V	3	5
8	C	I		L	P			2		
		J		7						

Cuidado para não confundir!

Escola do Parlamento de Itapevi "Dr. Osmar de Souza"

Missão: "Contribuir para transformação da sociedade por meio da educação para a cidadania"

Visão: "Ser a principal referência do cidadão na busca do desenvolvimento e aprimoramento para o exercício da cidadania democrática"

Valores: Igualdade; liberdade; laicidade; pluralidade; efetividade; economicidade; sustentabilidade; respeito e cordialidade; acessibilidade e inclusão e universalidade (acesso à participação).

Diretor Geral da Escola: Roberto Eduardo Lamari

Diretor Executivo: Jadson Nunes Santos

Diretor Acadêmico: Rafael Augusto Sasaki Neves

Chefe de Seção da Secretária Escolar: Welliton Silva

Secretário do Conselho Escolar: Marcos Bataglia

Conselho Escolar: Edemir Machado, Jorge Bandeira, Lídia Caraméz, Lúcia Rodrigues, Rubens Pazinato Corrêa e Victor Opúsculo

Estagiários: Gabriel Caraméz

15º LEGISLATURA 2021/2024

MESA DIRETORA 2023/2024

Presidente - Thiago da Silva Santos

Vice-Presidente - Cicero Aparecido de Souza

1º Secretário - Rogério Moreira dos Santos

2º Secretário - José Aparecido Ramos

3º Secretário - Erondina Ferreira Godoy

Anderson Cavanha

Aroldo Gueiros (suplente)

Akdenis Mohamed Kourani

Bruno Gabriel (suplente)

Camila Godói da Silva Rodrigues

Denis Lucas*

Donizete Dias Carvalho

Eduardo Sanches Casagrande

Lucas Gabriel Correia Silva

Luiz Ricardo dos Santos

Maurício Alonso Murakami***

Mariza Martins Borges

Marcelo Aparecido Antônio

Rafael Alan de Moraes Romeiro**

Wellington José dos Santos

***Licenciado 2023

**Licenciado 2023

*In memoriam *8/4/1974-† 17/11/2021

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR	5
PREFÁCIO	13
A LÍNGUA DE SINAIS TEM GANHADO NOTORIEDADE	15
DIFUSÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	16
ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE: O SURDO, A SURDEZ, SUA CULTURA E SUA LÍNGUA	17
CULTURA E IDENTIDADE SURDA	33
ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS DA SURDEZ	39
GRAMÁTICA	45
ESTRUTURA SINTÁTICA DA LIBRAS	67
TOPICALIZAÇÃO DE CONSTITUINTES VERBAIS NA LÍNGUA DE SINAIS	69
LITERATURA SURDA	71
ESCRITA DE SINAIS (<i>SIGNWRITING</i>)	72
BRAILLE:	84
TRADUTOR / INTÉRPRETE DE LIBRAS	87
SINALÁRIO	94
POSFÁCIO	122
REFERÊNCIAS	123

PREFÁCIO

A história do Surdo, as questões ligadas à Língua de Sinais (ainda quando não era considerada Libras) e à pessoa Surda vêm sendo estudadas há mais de quarenta anos aqui no Brasil. Muitas discussões foram realizadas e muito se enfatizou a partir desses estudos a necessidade de um projeto educacional e social que levasse em conta essa parcela da população que deve ser respeitada e ter seus direitos assegurados.

Muitas são as publicações e locais na mídia moderna que se debruçam sobre a educação do Surdo sinalizante. Muito se publica, mas pouco se estuda antes que seja publicado. Muito se vê de teóricos da academia que se mostram ligadas ao assunto, mas a quem falta a vivência com os Surdos. Apenas a junção do embasamento teórico com a convivência é que podem trazer à tona as reais necessidades para uma formação que possibilite ao profissional uma atuação que garanta que o Surdo terá acesso a todas as possibilidades em termos educacionais e sociais.

Jadson nos traz, nesse livro, o que é necessário para que se possa compreender aspectos importantes para se atuar com o Surdo em diferentes âmbitos: educacional, da saúde, da sociedade como um todo. Seu trabalho tem uma base muito sólida apoiada em dois grandes vértices: o estudo teórico e a prática como membro da comunidade Surda, sendo ouvinte e intérprete de Libras.

“Se liga nos Sinais” permitirá que estudantes das mais diferentes áreas e que se debruçam sobre as questões da Libras,

do indivíduo Surdo e de tudo o que cerca esse sujeito, possam compreender aspectos essenciais que serão de suma importância para a atuação profissional nos mais diferentes campos.

Jadson teve o cuidado de visitar todos os espaços que permitem que o trabalho com o indivíduo Surdo possa ser realizado com conhecimento e embasamento sério e que permitirá ao profissional atuar de forma íntegra.

Se ele chega a esse resultado nesse livro que será meu livro de referência nas aulas teóricas que ministro, foi em razão de conhecer tão profundamente o mundo dos Surdos.

Mas, ele vai além e fornece informações sobre a surdocegueria, condição tão negligenciada pelos educadores e pesquisadores. Também nos explica as funções do intérprete de Libras, área que ele conhece tão bem!

E para aqueles que desejarem se aprofundar em algum aspecto, temos uma extensa bibliografia.

“Se liga nos Sinais” é um trabalho de referência na área da surdez e que deverá fazer parte dos currículos dos inúmeros cursos de Libras que poderão se beneficiar de uma obra tão completa e que explica o que muitos precisam saber.

Parabéns, Jadson! É uma honra fazer esse prefácio! Tenho certeza de que esse livro será um sucesso!

Profa. PhD. Maria Cecilia de Moura

A LÍNGUA DE SINAIS TEM GANHADO NOTORIEDADE

Em 2002, com a Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a Libras foi oficialmente reconhecida, como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras e foi regulamentada, em 2005, por meio do Decreto Federal nº 5626 promulgado no dia 22 de dezembro de 2005.

Nos últimos anos, a Língua Brasileira de Sinais tem ganhado espaço na sociedade. Essa notoriedade advinda das lutas dos movimentos surdos e familiares em prol de seus direitos. Com isso, a comunidade surda brasileira vem experimentando um crescimento acelerado no que diz respeito às suas possibilidades de atuação e inserção nos sistemas educacionais, de saúde e de trabalho. Junto a este crescimento, as demandas relacionadas a esta comunidade também se tornam emergentes. No entanto, para que esta participação seja efetiva é preciso difundir a língua e a cultura do povo Surdo. Corroborando com o uso e difusão da Libras, conforme previsto em lei municipal, a Escola do Parlamento de Itapevi “Dr. Osmar de Souza” teve a iniciativa de elaborar este livro.

Roberto Eduardo Lamari – Diretor Geral da Escola do Parlamento

DIFUSÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A existência de Escolas do Legislativo é fundamental para sociedade, pois além de viabilizar educação política, são também responsáveis pelo desenvolvimento de trabalhos em diversas diretrizes, abarcando servidores públicos e sociedade civil (crianças, adolescentes, jovens e idosos), bem como pelo fortalecimento do Poder Legislativo, com a conseqüente valorização da participação popular e do verdadeiro exercício da cidadania, constituindo mecanismos que diminuem a distância entre representantes e representados e consolidando de fato a governança democrática.

Com objetivo de apoiar o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras), este livro, pretende despertar o desejo de aprender um novo idioma; compreender a importância da língua de sinais para os surdos; e, reconhecer que a surdez não restringe a capacidade comunicativa e cognitiva do surdo, e que a Libras é a sua língua materna e apresentar a existência de uma Cultura Surda que se traduz em um modo específico de ser, de ver e de comunicar o mundo.

Thiago da Silva Santos – Presidente da Câmara

ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE: O SURDO, A SURDEZ, SUA CULTURA E SUA LÍNGUA



Para começo de conversa, de acordo com Moura (2000), **o surdo não é mudo**, não é deficiente e tampouco não é uma cópia mal feita do ouvinte. **Ele é surdo, humano, autor e ator de inúmeros personagens.**

Infelizmente, ainda nos dias atuais, muitas pessoas permanecem em um paradigma errôneo no que diz respeito ao sujeito surdo, sua língua e sua cultura. Ao longo da história, esses pensamentos equivocados colocaram a comunidade surda a margem dos seus direitos e contribuíram para estereotipação desses sujeitos. A esse respeito, Sá (2002) enfatiza que falar sobre a surdez e preconceito, é narrar uma das interfaces do ser

Se liga nos sinais

surdo. Na história do povo surdo estão evidentes as marcas que identificam como um ser incompleto, incapaz e deficiente.

Preconceito e discriminação são dois conceitos que os sujeitos surdos vivenciam há muito tempo. Outro fato vivenciado por eles há milênios também merece destaque, a luta pelos direitos igualitários. Na Grécia antiga (1100 a.C. – 146 a.C.), durante o período clássico, o famoso filósofo Aristóteles, considerava a pessoa surda como um Ser sem pensamento; ele justificava-se pautado no argumento de que era a linguagem que dava ao homem condição humana, portanto, o Sujeito Surdo não poderia ser considerado humano, pois era incapaz de exercer a linguagem.

[...] 355 a.C. O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: "... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdomudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão", ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar (STROBEL, 2009, p. 18).

Este paradigma tomou novos rumos apenas na idade moderna, com o médico, filósofo, matemático, e astrólogo Girolano Cardano (1501-1576), que, por meio dos seus estudos, confirmava que os surdos poderiam aprender a ler e a escrever, mesmo sem falar. De acordo com Strobel (2009), para Cardano era um crime não instruir um "surdo-mudo". Ainda na idade moderna,

o monge Pedro Ponce de León (1510-1584), também discordava de argumentos médicos embasados no pensamento que os surdos não poderiam aprender porque tinham lesões cerebrais. Em suas aulas, ele utilizava além dos sinais, o treinamento da fala e leitura labial.

Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização. Mais tarde ele criou escola para professores de surdos. Porém ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era de guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos (STROBEL, 2009, p. 20).

Mas foi o pedagogo espanhol Juan¹ Pablo Bonet (1579-1629), quem **propôs o alfabeto manual**. Bonet em suas aulas também utilizava a leitura labial e a língua de sinais. Inclusive a didática adotada pelo espanhol serviu como base para toda a Europa.

Como bem assinala por Strobel (2009), o francês Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780) foi provavelmente o primeiro professor de surdos em seu país. Além de oralizar sua irmã surda, também utilizou o ensino de fala e exercícios auditivos com surdos. Ele modificou e aprimorou o método proposto por Bonet (1620) e introduzindo ao alfabeto manual: pontuação, acentuação e números. Embora fluente em língua de sinais, Jacob defendia a ideia que a educação dos surdos deveria priorizar o estímulo da

1 O Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, "Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos" no ano de 1620 em Madrid, Espanha.

Se liga nos sinais

oralidade. Na mesma época, outro teórico francês, o abade Charles Michel de L'Épée, ficou conhecido como “o pai dos surdos”, pois foi o seu trabalho como professor de duas irmãs gêmeas surdas.

[...] iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de “Sinais metódicos”. L'Épée recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas” (STROBEL, 2009, p. 22).

O Abade teve a oportunidade de treinar inúmeros professores para surdos na primeira escola pública para surdos na França, o Instituto para Surdos e Mudos de Paris. A iniciativa de L'Épée² proporcionou ao surdo a oralizado, a oportunidade de ser reconhecido como humano e realizar atividades que outrora eram designadas apenas para ouvintes. Sacks (1998) relata que:

[...] esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos, testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e

2 L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, o abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard

cidadania; a rápida conquista de posições e de eminência e responsabilidade – escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inconciliáveis, tornam-se subitamente possíveis (SACKS, 1998, p.37).

Embora esse período ficou conhecido como “época de ouro para os surdos”, o Abade foi fortemente criticado, pois suas aulas priorizavam o acesso à língua de sinais. Um de seus principais opositores foi Jacob Rodrigues.

Após a Independência do Brasil, em 1822, com o advento da monarquia constitucional e sob influência das ideias liberais, por meio da primeira constituição brasileira promulgada em 25 de março de 1824, a educação passou a ser compreendida como um direito do cidadão e dever do Estado. Para Almeida (2018), a educação imperial não seria para todos, visto que para ser cidadão era preciso atender uma série de condições, incluindo apresentação da carteira de vacinação. Preocupado com o mal que assolava a sociedade naquela época, o Imperador brasileiro promulgou o **Decreto Imperial nº 1.428 criando o Imperial Instituto dos Meninos Cegos do Brasil**, atual Instituto Benjamin Constant (IBC). Ainda para Almeida (2018), o ensino de cegos emergiu sob a inspiração educativa de famílias ilustres em vários países europeus. Além da preocupação com a educação das pessoas com deficiência visual, o Brasil também se articulava no que dizia respeito ao ensino dos surdos. Em 1852, Dom Pedro II convidou Ernest Huet (1822 – 1882) para ensinar os surdos brasileiros.

Se liga nos sinais

Ernest Huet também era surdo e trabalhava como diretor da escola fundada por L'Épée, o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges, na França, além de ser um fiel seguidor da metodologia proposta por seu mentor. Nos primeiros anos, tentou estabelecer diversos contatos para fundar uma escola para atendimento ao público surdo. Após a conclusão do Imperial Instituto de Meninos Cegos, Huet apresentou ao Imperador um relatório expondo a importância de se fundar uma escola para surdos-mudos e as tentativas já feitas:

Seria desejável que se encontrasse um campo adjacente ao estabelecimento, e bastante vasto, para poder encerrar todas as espécies de culturas. Eu não me associei com M. de Vassimon por falta de meios, e porque eu não tinha o local apropriado para as minhas visões. Espero a sanção de nossa obra pelo estado, propondo-me a pedir ao Governo a concessão de um terreno suficiente, de fácil cultura com respeito à idade e a fraqueza das crianças, no qual será erigido um estabelecimento monumental para a glória nacional, como reino glorioso de Vossa Majestade (HUET, 1855 *apud* ROCHA, 2008, p.28).

O governo imperial brasileiro criou o então Imperial Instituto de Meninos Surdos, e **atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)**, reconhecido como centro nacional de referência na área da surdez, sendo um órgão do Ministério de Educação, localizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ).



Sede do Instituto Nacional de Educação dos Surdos no Rio de Janeiro - RJ

Em 1857, após a fundação do Instituto, o Imperador Pedro II incumbiu o Marquês de Abrantes para supervisionar o trabalho do professor Huet.

Huet era surdo, francês e discípulo de L'Épée. Por ser surdo, era fluente em língua de sinais. Por ser discípulo de L'Épée, as suas aulas eram ministradas em língua de sinais e, por ser francês, comunicava-se utilizando a língua de sinais francesa. Pode-se concluir que a língua brasileira de sinais tem sua origem a partir da língua de sinais francesa, entretanto, por ser uma língua viva e em uso, no decorrer dos tempos sofreu alterações naturais e resultou no que hoje se conhece como Libras.

Se liga nos sinais

A “época de ouro”, para os surdos, teve início, meio e fim, não só no Brasil, mas também em boa parte do mundo. Em nosso país, durou apenas 23 anos, sendo o seu fim decretado no dia 11 de setembro de 1880 no Congresso Internacional de Professores de Surdos em Milão, Itália. Os 164 participantes ouvintes se reuniram durante cinco dias para avaliar as metodologias e estratégias de ensino vigentes.

Os temas propostos foram: vantagens e desvantagens do internato, tempo de instrução, número de alunos por classe, trabalhos mais apropriados aos surdos, enfermidades, medidas, mediadas curativas e preventivas, etc. Apesar da variedade de temas, as discussões voltaram-se às questões do oralismo e da língua de sinais (BORNE, 2002, p.51).

Apoiando os educadores surdos, o direito ao voto e pautados nos argumentos que a língua oral proporciona vantagens para o desenvolvimento do intelecto, da moral e da linguística, pois, os participantes do congresso afirmavam que a oralidade deveria ser estimulada sempre e enfatizavam, ainda, que o uso dos sinais afetaria a fala.

Uma das deliberações deste congresso dizia que os governos deveriam tomar medidas para novas adequações.

Desta forma em 1880, foi criado o oralismo. O método de ensino oralista surgiu para atender as recomendações do congresso de Milão. Essa metodologia proibia qualquer forma

de sinalização durante as aulas e as crianças eram separadas de acordo com sua fluência na língua oral e não por idade.

Os professores de surdos passaram a priorizar o estímulo da fala, e os alunos surdos eram incentivados a não conversar por meio da língua de sinais inclusive fora do ambiente escolar, para que eles não se segregassem, pois desta forma não estariam restritos a conviver somente com os surdos. Como aponta Goldfeld (2002) ...

[...] o Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Ainda sobre as deliberações desse congresso, Rezende (2010) afirma que ...

[...] esse congresso representou o fim de uma era fervilhante das línguas de sinais, apesar das resistências surdas contarem que as línguas de sinais sobreviviam a velas embaixo das camas dos alojamentos das instituições de surdos do mundo todo. O que quero dizer é que as línguas de sinais já não tinham mais poder como a língua de ensino nas salas de aula, uma vez que foram demitidos os muitos

Se liga nos sinais

professores surdos e os ferrenhos oralistas assumiram os postos (REZENDE, 2010, p. 49).

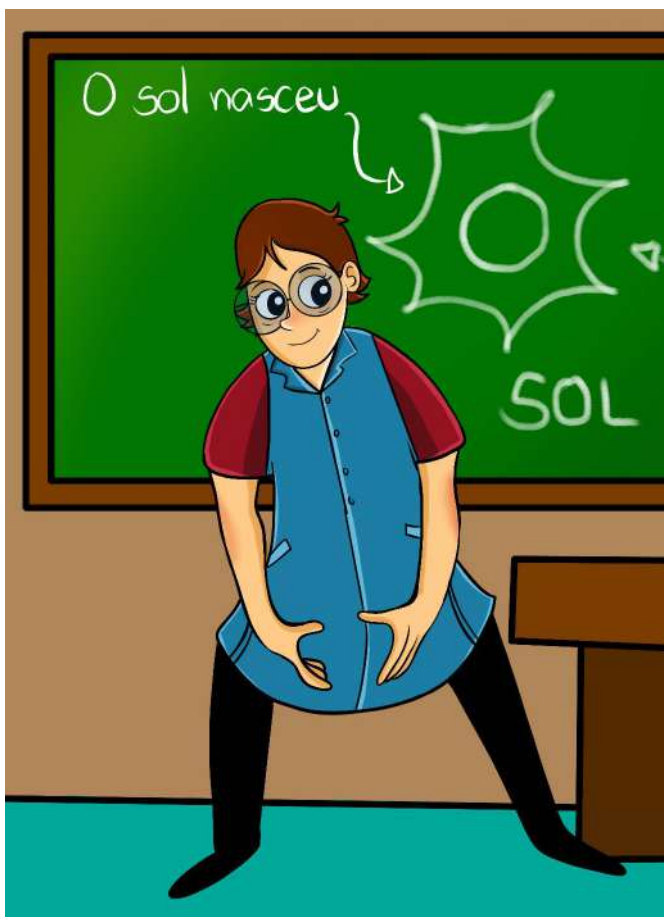


Nenhum outro evento na história dos Surdos teve um impacto maior na educação do povo surdo. Infelizmente, foram necessários cem anos, para os educadores perceberem que os educandos surdos não estavam aprendendo, tampouco desenvolvendo suas potencialidades. Exatamente 100 anos, e, como solução, no final da década de 1970 surgiu a FILOSOFIA DE COMUNICAÇÃO TOTAL, e tinha como princípio básico: “Comunicar-se”. Tomando como referência o oralismo, perceberam que somente a língua oral não assegurava o pleno desenvolvimento da criança surda.

A comunicação total incorporou alguns recursos linguísticos tais quais: linguagem oral, leitura labial, gestos, sinais, códigos manuais, alfabeto manual, desenhos e também amplificação sonora.

Entretanto, esta metodologia também não apresentou resultados satisfatórios, pois a comunicação total não veio em oposição ao oralismo, ao contrário, o objetivo desta era agregar valores. Outro fator que determinou seu fracasso, foi a prática do bimodalismo, que é o uso simultâneo de duas línguas ao mesmo tempo, no nosso caso, Libras e Português, pois, isso dificultava a aprendizagem dos surdos e criava dificuldade de comunicação e interpretação em ambos os lados. Segundo Ciccone (1996, p. 06-08), ...

[...] a Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideias paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar ideias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito (CICCONE, 1996, p. 06-08).



No final dos anos 1970, pesquisadores dos Estados Unidos e França articulavam um novo método de ensino. **Nasce, então, o bilinguismo, que só ganhou força no início dos anos 1990, essa proposta sim veio em objeção ao oralismo.**

A educação bilíngue para surdos considera a língua de sinais e a cultura surda e, seu objetivo principal é atender as especificidades linguísticas tendo a Libras como língua materna (L1) e o Português como segunda língua (L2).

Incentivada desde a educação infantil, o ensino bilíngue preza pela aquisição de Libras de forma natural, em uma escola de surdos, com professores alunos surdos, e sucessivamente a língua portuguesa deve ser ensinada como segunda língua, em que posteriormente os alunos surdos poderão estudar em uma escola regular, com a presença de um profissional tradutor / intérprete de Libras.

Assim, Santana (2007, p. 166) destaca que ...

[...] o bilinguismo inaugura um novo debate na área da surdez, ele defende a primazia da língua de sinais sobre a língua portuguesa, antes aprendida simultaneamente na comunicação total, ou isoladamente no oralismo. Essa primazia, defendida por muitos autores tem por base dois argumentos. Primeiro, a presença de um período crucial para aquisição da linguagem. Segundo a existência de uma competência inata, na qual para aprender uma língua, bastaria estar imerso em comunidade linguística e receber dela inputs linguísticos cruciais (SANTANA, 2007, p. 166).

Em 1999, os surdos fizeram o manifesto “que educação nós surdos queremos”, de acordo com Guarinello (2007, p. 45-46), e ...

[...] a proposta bilíngue surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Ela é considerada uma abordagem educacional que se propõe a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar.

De fato, estudos tem apontado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária. Preferencialmente na modalidade escrita. (...) Na adoção do bilinguismo deve-se optar pela apresentação simultaneamente das duas línguas (língua de sinais e língua da comunidade majoritária) (GUARINELLO, 2007, p. 45-46).

Mesmo o bilinguismo sendo a metodologia preferida da comunidade surda, ainda vivenciamos um período de luta, pois o Ministério de Educação e Cultura considera essa metodologia como segregacionista. Diferente do bilinguismo que é pautado sob 3 pilares, o MEC defende a ideia de que os alunos surdos aprenderão melhor em salas inclusivas, visando apenas a sociabilização dos alunos o que gera penas a integração.

O bilinguismo também é inclusão, e funciona! Pois somente em uma escola para surdos as crianças aprenderão a língua, valores e hábitos sociais do povo surdo e da cultura do seu país. E, partindo desta premissa, com a finalidade de mostrar um novo caminho para educação dos surdos, surge a Pedagogia Surda, como uma metodologia que atende de forma satisfatória as especificidades do povo surdo. A esse respeito, Perlin (2006) afirma que:

[...] a virada para a pedagogia do surdo tem sido apresentada como uma ruptura no universo teórico da educação que detém o modelo ouvinte. A transgressão pedagógica que realizamos não nos

apavora, mas nos identifica, nos dá a sensação de que é isso que queremos. De fato, alguns aspectos combinantes fazem desaparecer a pedagogia ouvinte de tal forma presente nos discursos narrativos fruto de agências coloniais (PERLIN, 2006, p. 5).



Como a língua de sinais surgiu nós já sabemos, mas sua legitimação se deu apenas em 2002, quando foi reconhecida como língua materna da comunidade surda, por meio da lei federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para acessibilidade das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

O decreto trata da inclusão da Libras como disciplina curricular nas diversas licenciaturas e no bacharelado em

Se liga nos sinais

fonoaudiologia devendo ser oferecida como disciplina optativa nos demais cursos do ensino superior. Atendendo aos capítulos IV e V do decreto, foram norteados caminhos para formação tanto do instrutor como do intérprete de Libras.

O art. 4º do decreto diz que a formação de docentes da Libras deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação em licenciatura plena em letras: Libras ou em letras: Libras/língua portuguesa como segunda língua. O art. 17º diz que a formação do tradutor e intérprete de Libras deve efetivar-se por meio de curso superior de tradução e interpretação com habilitação em Libras – língua portuguesa.

O artigo 20º preocupou-se com o período de adaptação delegando ao Ministério de Educação a responsabilidade de promover anualmente o exame nacional de proficiência no uso e ensino da Libras e na tradução e interpretação Libras - português denominado PROLIBRAS, pelo período de 10 anos a partir da publicação do decreto.



CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Se liga nos sinais

Sabe-se que durante muitos anos os surdos foram impedidos de sinalizar, expressar os seus desejos, medos, curiosidades, alegrias e conquistas eram vistos como seres incapazes. Porém o conceito de alteridade comprovou que existem diferenças entre o povo surdo e partir desta constatação Perlin (1998) nos apresenta cinco categorias de identidade surda:

Identidade surda: Geralmente são filhos de pais surdos, tem consciência da diferença e tem a língua de sinais como a língua nativa e usam recursos e comunicações visuais. São as pessoas que tem identidade surda plena.

Identidade surda híbrida: São pessoas que nasceram ouvintes e posteriormente se tornam surdos, conhecem a estrutura do português falado.

Identidade surda de transição: Filhos de pais ouvintes, são surdos oralizados, mantidos em uma comunicação auditiva e tardiamente descobrem a comunidade surda, e nesta transição passam pela desouvinição, isto é, passam do mundo auditivo para o mundo visual.

Identidade surda incompleta: São surdos dominados pela ideologia ouvintista, ou seja, não conseguem quebrar o poder dos ouvintes que fazem de tudo para medicalizar o surdo. Negam a identidade surda como uma diferença, são surdos estereotipados, acham os ouvintes superiores a eles.

Identidade surda flutuante: São surdos que tem consciência ou não da própria surdez, vítimas da ideologia ouvintista. São surdos conformados a situações impostas pelo ouvintismo, não tem militância pela causa surda, oscilam de uma comunidade a outra, não conseguem viver em harmonia em nenhuma

comunidade, por falta de comunicação com os ouvintes e pela falta da língua de sinais com os surdos.

Strobel (2008, p. 25) afirma que

[...] os sujeitos surdos não diferenciam um do outro de acordo com o grau de surdez, e sim o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando língua de sinais e cultura surda que ajudam a definir suas identidades surdas.

Para falarmos da cultura surda, precisa-se primeiro conhecer a comunidade surda. Embora o conceito encontre divergências, e um dos motivos é que diferentemente da comunidade indígena que vivem em tribos, a comunidade surda não possui terras. Entretanto, de acordo com o censo do IBGE realizado no ano 2000, são mais de 6 milhões de surdos espalhados por todo território nacional. Embora minoria, eles continuam sendo uma parcela significativa de nossa sociedade, que há tempos vêm lutando em busca dos seus direitos como cidadãos.

Nos últimos anos, o tema inclusão social tem sido pauta em diversas discussões, mas desde a época do oralismo, os surdos vêm organizando-se civilmente. Tanto é que, 77 anos após o congresso de Milão, os surdos estruturaram-se também politicamente. Em 1957, foi fundada a Associação dos Surdos de São Paulo (ASSP), e em 1977 a atual FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

Sendo assim, as ocorrências da cultura surda foram transmitidas por meio de várias gerações dos povos surdos e amplamente conhecidas dentro das comunidades surdas. O

Se liga nos sinais

importante é verificar de alguma forma como é esse “jeito de ser surdo”, definiremos, então, a partir da autora surda Karin Strobel (2008) que em seu livro “As imagens do outro sobre a cultura surda” conclui o seguinte:

[...] a cultura surda retrata a vida que os sujeitos surdos levam; as suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, as suas artes, os seus desempenhos, os seus mitos compartilhados, o seu jeito de mudar o mundo. De entendê-lo e de viver nele. Para conhecer a cultura surda é importante a convivência com a comunidade surda...

Devido a perda auditiva, os surdos têm experiências diferentes da cultura ouvinte. A seguir serão apresentadas algumas peculiaridades da cultura surda:

Batismo de sinal: Quando alguém ingressa no mundo dos surdos, este, recebe um sinal, que corresponde ao nosso nome em Libras sendo que, antigamente era associado à primeira letra do nome, atualmente, o sinal é atribuído considerando as características físicas marcantes da pessoa, manias, e entre outros.

Oração: Em certas igrejas, as pessoas ouvintes oram de mãos dadas uns aos outros, os surdos fazem oração em língua de sinais com os pés encostados uns nos outros.

Interromper o contato visual: Desviar o olhar durante uma conversa em língua de sinais é considerado uma atitude grosseira.

Como atrair a atenção de um surdo: Se você estiver perto da pessoa, você pode dar um toque em seu ombro ou em seu

braço, caso esteja distante o aceno é uma boa opção, você pode também fazer piscar a luz.

Campainhas: Em muitos lares dos surdos as campainhas são luminosas, ou seja, quando o interruptor é acionado ao invés do sinal sonoro uma lâmpada é acendida na casa.

Barulho: Por viverem num mundo silencioso, os surdos convivem de uma forma bem delicada com barulhos. Por exemplo, quando um objeto cai, o surdo só perceberá caso esteja dentro do seu campo visual ou se o impacto for alto a ponto de causar vibrações. Outra situação inusitada está relacionada aos sons naturais do corpo, a respiração alta, os grunhidos do estômago e outros ruídos podem passar despercebidos pelos surdos.

No ambiente escolar: Durante a aula os surdos têm dificuldade em prestar a atenção e fazer anotações ao mesmo tempo, pois enquanto anota perde a explicação em língua de sinais.

Intuição: Um surdo não percebe um incêndio pois um alarme soou, primeiro ele observa a movimentação e segue o fluxo, só depois descobre o que aconteceu.

Sala de espera: Quando não tem o painel digital pode ser muito difícil para ele, pois o surdo precisa ficar muito atento e esforçar-se bastante para entender seu nome através da leitura labial.

Mãos ocupadas: Não é educado falar de boca cheia, da mesma forma que não é educado impossibilitar os surdos de se comunicarem. Em uma festa por exemplo o ideal é ter um local específico para que os surdos possam apoiar a sua bebida.

Se liga nos sinais

Aplausos: Palmas são inúteis, pois a pessoa surda não as ouve. Os surdos emocionam-se ao ver várias mãos levantadas sacudindo num aplauso surdo.



ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS DA SURDEZ

A surdez pode ser congênita ou adquirida por exemplo:

Congênita, quando o indivíduo já nasceu surdo, e nesse caso a surdez é pré-linguística, ou seja, ocorreu antes da aquisição da língua materna (L1).

E **adquirida**, quando o indivíduo perde a audição no decorrer da vida, nesse caso a surdez poderá ser pré ou pós linguística, dependendo da sua ocorrência ter dado antes ou depois da linguagem.

As causas da surdez dividem-se em 3 partes:

Pré-natais: Surdez provocada por fatores genéticos e hereditários, doenças adquiridas pela mãe na época da gestação (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus, dentre outras) e exposição da mãe a drogas ilícitas e ototóxicas (medicamentos que podem afetar a audição).

Perinatais: Surdez provocada mais frequentemente por parto prematuro, anoxia cerebral (falta de oxigênio no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto prematuro).

Pós-natais: Surdez provocada por doenças adquiridas ao longo da vida, como meningite, caxumba, sarampo, além do uso de medicamentos ototóxicos. Outros fatores também têm relação com a surdez, como o avanço da idade e acidentes.

Se liga nos sinais

Quanto a terminologia, assinale a (s) alternativa(s) correta(s)

- () **Surdo-Mudo**
- () **Surdo**
- () **Mudinho**
- () **Deficiente auditivo**

Essa é uma dúvida que intriga muitos brasileiros. Das 4 (quatro) alternativas, 2 (duas) jamais devem ser utilizadas e são elas:

Mudinho: Em hipótese alguma devemos utilizá-la, pois, essa forma de tratamento carrega um tom preconceituoso e pejorativo.

Surdo-Mudo: Esta também não está correta, pois, a surdez é uma deficiência distinta da mudez. Ambas não têm relação uma com a outra, pois a mudez é a incapacidade total da emissão de sons por meio das cordas vocais e a surdez a limitação total ou parcial da audição. Logo, nem todo surdo é mudo. O que pode acontecer neste caso é o surdo não ser oralizado, ou seja, embora tenha o aparelho fonador em perfeitas condições, o indivíduo não desenvolve a fala, pois não escuta. A mudez não está relacionada a surdez, mas sim a oralidade. Para tanto, sua aquisição se dá com a ajuda de um fonoaudiólogo pela terapia da fala.

Surdo e Deficiente Auditivo (D.A), ambas estão corretas, entretanto, tem-se duas definições, uma clínica e outra cultural.

A definição clínica é utilizada por fonoaudiólogos e médicos e é pautada na tabela dos decibéis demonstrada abaixo:

GRAUS DE PERDA AUDITIVA

Audição normal	Até 20 dB
Surdez leve	De 21 dB a 40 dB
Surdez moderada	De 41 dB a 70 dB
Surdez severa	De 71 dB a 90 dB
Surdez profunda	Acima de 91 dB

Vale salientar que o parágrafo único do Decreto nº 5.626/2005 considera surdo o sujeito com perda bilateral total ou parcial acima de 41dB. Já os fonoaudiólogos consideram deficientes auditivos pessoas com surdez leve e moderada, e surdos, pessoas com surdez severa e profunda.

A definição cultural está relacionada à cultura surda, que considera surdo aquele que se comunica por meio da língua de sinais e partilha da cultura surda, e deficiente auditivo aquela pessoa ensurdecida que embora tenha a deficiência comunicam-se por meio da língua portuguesa. Logo o termo mais apropriado e preferido da comunidade surda é **Surdo**.




Quanto a terminologia, assinale a (s) alternativa(s) correta(s)

(x) **Surdo**

(x) **Deficiente auditivo**

VOCÊ SABIA?

	Sussurro	20 dB
	Conversa normal	40 - 60 dB
	Rua de média movimentação	70 dB
	Aspirador de pó/ Liquidificador	90 dB
	Fone de ouvido	100 dB

	<p>Arma de fogo</p> <p>130 dB</p>
	<p>Turbina de avião a jato</p> <p>140 dB</p>
	<p>Foguete ao decolar</p> <p>200 dB</p>

Você sabia que o aparelho auditivo não é milagre, tampouco sinônimo de cura, pois este aparelho tem apenas a função de aumentar o volume dos sons externos. Isso significa que quando o indivíduo não tem mais audição ou já a tenha perdido quase completamente, o aparelho não irá funcionar.

O aparelho auditivo auricular é composto por um microfone que capta o som, um amplificador e um receptor responsável por enviar o som amplificado para o ouvido do portador, que tem a opção de ajustar o som. Este funciona a base de bateria, e como no caso do Implante coclear pode ser indicado também para crianças

Se liga nos sinais



Você sabia que implante coclear é um dispositivo eletrônico implantado na cóclea que tem a função de estimular o nervo auditivo por meio de eletrodos que enviarão sinais para o cérebro em que serão decodificados em sons.

O IC possui uma parte interna e outra externa, a parte externa é constituída por um microfone, um microprocessador de fala e um transmissor, a parte interna possui um receptor e estimulador.



O implante tem como objetivo proporcionar a sensação auditiva próxima ao ouvido fisiológico. A habilitação ou reabilitação auditiva se dá por meio de terapia fonoaudiológica.

GRAMÁTICA:



Ao contrário do que muitos pensam, a Língua Brasileira de Sinais não é uma representação manual da Língua Portuguesa. É uma língua independente e completa, assim, como o inglês, o francês e muitos outros idiomas. Para Quadros e Karnopp (2004),

[...] línguas de sinais, conforme um considerável número de pesquisas, contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais e uma gramática,

Se liga nos sinais

isso é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos.

De acordo com Quadros (2002), a Libras é uma língua visual – espacial, percebida pelos olhos e articulada por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo. Diferentemente da língua portuguesa que é oral – auditiva, ou seja, percebida pelos ouvidos e articuladas pela fonética.

Stokoe (1960) considerado o pai da linguística das línguas sinalizadas, por ser o primeiro a defendê-la abertamente como língua natural. Com base em suas observações, propôs que os sinais da Língua de Sinais Americana (ASL) são constituídos de três partes ou parâmetros independentes (localização, configuração de mão e movimento).

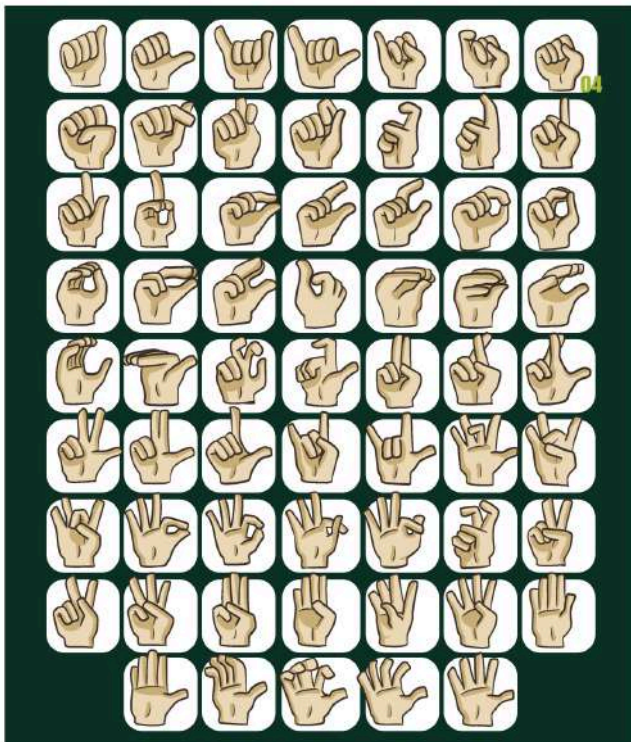
Análises das unidades formacionais dos sinais, posteriores à de Stokoe, sugeriram a adição de informações referentes à orientação da mão (Or) e aos aspectos não manuais dos sinais (NM) – expressões faciais e corporais (BATTISTON, 1974, 1978). Esses dois parâmetros foram, então, adicionados aos estudos da fonologia de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

A fonética e fonologia correspondem a uma vertente da linguística que examina as unidades mínimas dos sinais. A Libras tem sua estrutura fonética organizada em parâmetros, ou seja, sua produção é feita basicamente pelas mãos, acrescentada dos movimentos do corpo e da face que também desempenhem funções. Sendo assim, o sinal é formado a partir da combinação

do movimento das mãos, com um determinado lugar, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações são chamadas de parâmetros, e atualmente existem cinco para descrever os pares mínimos da língua de sinais e são eles:

Configuração de mão (CM): São as formas assumidas pelas mãos durante a realização do sinal. São agrupadas verticalmente de acordo com as semelhanças entre si.

Configuração de mãos



Se liga nos sinais

Ponto de articulação (PA): local do corpo no qual o sinal é realizado, podendo este tocar em alguma parte do corpo, por exemplo, a ponta do queixo ou estar num espaço neutro como a frente do tórax. Vale salientar que o lócus de enunciação na língua brasileira de sinais é limitado, ou seja, de acordo com Brito e Langevin (1995), o espaço de realização dos sinais é baseado nas cinco áreas principais de articulação: cabeça, mão, braço, tronco e espaço neutro.

Movimento (M): é o deslocamento das mãos, pulsos e antebraços no espaço quando da realização do sinal. De acordo com Brito (1990), os movimentos podem ser: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular e pontual, podendo ser também de aproximação, de separação, de ligação, de desligamento, de esfregar, de riscar, e entre outros.

Orientação e direção (O/D): os sinais podem, ou não ter uma direção. Os movimentos podem ser unidirecionais: para cima, para baixo, para direita, para fora, para o centro, para a lateral superior, esquerda, para o específico referencial, etc. E os bidirecionais: para cima e para baixo, para dentro e para fora, laterais opostas, superior direita e inferior esquerda, e entre outros.

Por definição, orientação é a direção para qual a palma da mão aponta da produção do sinal. Segundo Brito (1995, p. 41), pode ser: para cima, para baixo, para o corpo para frente, para direita ou para esquerda.

Expressões faciais e corporais (EFC): as expressões não manuais prestam-se a dois papéis na língua de sinais. Uma de suas principais funções é a marcação de construções sintáticas utilizadas em sentenças interrogativas, orações relativas,

concordância e foco. Fazer a diferenciação de itens lexicais, que marcam referência pronominal, advérbio, grau ou aspecto.

Embora muitos consideram as EFC's como caretas exageradas, a gramática facial é de suma importância, pois, sem ela não se constrói a língua.

Podemos separar as expressões faciais em dois grandes grupos: as expressões afetivas e as expressões gramaticais. As primeiras são utilizadas para expressar sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) e podem ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais. Conforme dito anteriormente, não são exclusivas das línguas de sinais. Nas línguas faladas, as pessoas também expressam suas emoções por meio de expressões faciais. Já as expressões gramaticais, estão relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados (BRITO, 1995, p. 41).

Importante

A LIBRAS **não** faz uso de:³

» Verbos auxiliares: **ser** e **estar**.

» Preposições: **do, das, dos, das**

» Artigos definidos e indefinidos: **O, a, os, as, um, uma, uns e umas.**

3 Vale Saber que estes são utilizados em apenas duas situações: para elucidar expressões da língua portuguesa ou para interpretar uma aula de português.

Derivação:

Na língua portuguesa, uma palavra pode ser formada a partir de uma já existente, por exemplo: Primitiva: Mar – Derivada: Marinheiro.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 98),

[...] uma das principais funções da morfologia é a mudança de classe, isto é, a utilização da ideia de uma palavra em uma outra classe gramatical diferente. Um tipo de processo morfológico bastante comum na língua de sinais brasileira é aquele que deriva nomes de verbos (ou vice-versa). O português pode formar nomes de verbos pela adição de um sufixo, por exemplo, programar – programador ou pela mudança de acento (fabrica – fábrica).

As autoras ainda apresentam uma revisão de alguns estudos realizados com ASL, que evidenciam vários exemplos no qual a categoria de substantivo é alterada para categoria de verbo. Por exemplo: carro – dirigir; cadeira – sentar; telefone – telefonar; e tesoura – cortar. Nestes exemplos, nota-se uma variação no padrão do movimento. Na produção do substantivo, o movimento é curto e repetido rapidamente, enquanto que na produção do verbo é longo e repetido lentamente.



Composição:

O processo de composição na Libras é como no português, ou seja, dois ou mais sinais simples formam um único significado. Segundo Rocha (1998, p. 187), a composição é um processo autônomo em que se juntam duas bases preexistentes na língua para criar um novo vocábulo, dito composto. Assim, criar novas palavras pelo processo de composição é muito comum nas línguas do mundo, sejam elas orais ou sinalizadas.

Exemplos:

Língua Portuguesa:	Língua de Sinais:
Girar + Sol = Girassol	Casa + Cruz = Igreja
Ponta + Pé = Pontapé	Casa + Pão = Padaria
Mini + Saia = Minissaia	Mulher + Benção + Segunda = Madrasta

Para Quadros e Karnopp (2004), existem outros dois processos de composição além do supracitado. As autoras também apresentam a incorporação do numeral ao sinal e esta incorporação se restringe a no máximo 4 numerais. Exemplo: 1 hora de duração; 2 semanas; 3 meses e 4 anos. Também foi observado pelas autoras a existência de empréstimos da língua portuguesa em que o sinal é produzido com a soletração rítmica. Ainda fora constatado que o sinal deve ter no máximo duas configurações de mãos e ser produzido com uma mão. Exemplo: azul; pai; sol e vovô.

Pronomes:

É possível observar em um diálogo em língua oral, durante o turno do discurso que se torna muito presente o gesto de apontar, para referimos a pessoa(s) com a(s) qual(is) conversamos. Isso é DÊIXIS!

Levinson (2007) afirma que “**dêixis**” é uma palavra de origem grega que significa *apontar* ou *indicare* tem como exemplos os pronomes demonstrativos, os pronomes de primeira e segunda pessoa, os tempos verbais, advérbios de tempo e lugar e uma infinidade de outros recursos linguísticos.

Segundo Baker-Shenk e Cokely (1991), os pronomes na ASL são feitos para representarem referentes como pessoas, lugares ou objetos. São várias as formas de estabelecer referência ao contexto situacional ou ao próprio discurso na língua brasileira de sinais, em sua maioria, os pronomes são constituídos por meio da apontação e / ou fixação do olhar.

A questão dos pronomes nas línguas de sinais é um assunto bastante discutido entre os pesquisadores da área. Existem diferentes visões sobre a mesma questão: o status linguístico dos pronomes. Para alguns autores, só existem os pronomes de 1ª pessoa, tanto do singular quanto do plural. As outras pessoas são apenas referências dêíticas, representadas pela apontação. Já outros autores assumem que não existe a categoria pronominal nas línguas de sinais, sendo todas as pessoas do discurso consideradas dêixis. Ainda, há autores que afirmam que

Se liga nos sinais

a categoria pronominal é existente nas LSs (PIZZIO; QUADROS; REZENDE, 2009, p. 3).

Em consonância com uma parcela significativa de autores desta temática, Felipe (2007) afirma que a categoria pronominal é existente na Língua Brasileira de Sinais e as define deste modo:



Pronomes pessoais:

São os sinais que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso. A Libras possui um sistema de pronomes específico:

Pessoa	Quantidade de pessoas	Pronomes
<i>1ª Pessoa</i>	<i>Singular, dual, trial e plural</i>	<i>Eu, nós², nós³ e nós "grupo"</i>
<i>2ª Pessoa</i>	<i>Singular, dual, trial e plural</i>	<i>Você, vocês², vocês³ e vocês "grupo"</i>
<i>3ª Pessoa</i>	<i>Singular, dual, trial e plural</i>	<i>EL@, el@s², el@s³ e el@s "grupo"</i>
IMPORTANTE		
<p>Não há sinal específico para o pronome possessivo no dual, trial ou plural, nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: LP: Nosso sobrinho LS: Nós homem sobrinho</p>		

Pronomes possessivos:

Assim como os pronomes pessoais e demonstrativos também não possuem marca para gênero, e estão relacionados a pessoa do discurso e não ao objeto possuído, como acontece no português.

Pessoa	Pronomes
1ª Pessoa	Meu
2ª Pessoa	S@u
3ª Pessoa	Del@

Exemplos:

LS: Casa meu pintar laranja

LP: Pinteí minha casa de laranja

LS: Filho s@u bagunçar

LP: Seu filho é bagunceiro

LS: mamãe del@ ²pedir¹ livro entregar você

LP: A mãe dele pediu-me para lhe entregar o livro.

Pronomes demonstrativos:

Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, sendo diferenciados apenas pelo sentido da sentença e da expressão facial. **Estes pronomes consideram na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto ou distante.**

Os pronomes e advérbios têm a mesma configuração de mão dos pronomes pessoais (CM= nº 49), mas os pontos de articulação e a orientação do olhar são diferentes.

Pronome demonstrativo	Advérbio de lugar
Este	Aqui
Esse	Aí
Aquele	Lá

Pronomes indefinidos:

Estes pronomes referem-se à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago e impreciso, são eles: Nada e ninguém.

Exemplos:

LS: Chegar ninguém

LP: Ninguém chegou

LS: Eu fome nada

LP: Não estou com fome

Observação: NADA Quando usado para pessoas e coisas, pode ter o sentido de “não ter”.

Pronomes Interrogativos:

São usados em frases interrogativas e referem-se de modo impreciso a 3ª pessoa do discurso. São eles: que, quem, onde, qual, como, para que e por que.

Os pronomes “Que” e “quem”: são usados no início da frase. E quem quando utilizado com o sentido “de quem é” é mais usado no final. Lembrando que todos os sinais são acompanhados por uma expressão facial interrogativa.

Se liga nos sinais

EXEMPLOS:

LS: Falar o quê?

LP: O que você disse?

LS: Homem coxinha vender quem?

LP: Quem é o moço que vende coxinha?

LS: Polícia lugar?

LP: Onde fica a delegacia?

LS: Hoje festa roupa você qual?

LP: Com que roupa você irá a festa hoje?

LS: Casa seu caminho como?

LP: Qual é o trajeto para chegar a sua casa?

Importante	
Não há diferença entre o sinal de “por que” interrogativo e “porque” explicativo. O contexto é demonstrado pela expressão facial e corporal. Exemplo:	
Língua de sinais:	Língua portuguesa:
1: Ontem escola faltar por quê? 2: Porque eu doente.	1: Por que você faltou à escola ontem? 2: Porque eu estava doente.

DESINÊNCIA DE GÊNERO:

Sila e Sell (2009), analisando os processos de composição morfológica e morfossintática na Libras, afirmam em seus estudos que: os nomes na Libras não possuem marcação morfológica de gênero. Quando necessário esclarecer qual é o sexo do referente numa situação de enunciação, uma das maneiras de fazê-lo nos

substantivos de libras é a combinação dos sinais independentes, HOMEM ou MULHER com o sinal de base. Logo, para designar o gênero na Língua Brasileira de Sinais, utiliza-se o sinal respectivo de HOMEM / MULHER antes do sinal relativo ao objeto desejado.

Quando há necessidade de transcrição para língua portuguesa utiliza-se "@". Exemplos:

Língua portuguesa	Língua de sinais
TIO ou TIA	TI@
PRIMO ou PRIMA	PRIM@
PROFESSOR ou PROFESSORA	PROFESSOR@

Flexão de número

Na língua portuguesa, o plural acontece pela junção do morfema gramatical "S" ao morfema lexical. Margotti e Margotti (2009) definem a flexão de número como uma noção gramatical que distingue um elemento (singular) e mais de um elemento (plural). Há, no entanto, certas situações na língua nas quais a realidade não é tão cristalina quanto parece à primeira vista

Exemplo:

Morfema lexical: CADERNO +

Morfema gramatical: S = CADERNOS

Na língua de sinais, para indicar o singular e o plural (dual, trial e múltiplo), existem várias formas de substantivos e verbo. **Uma das maneiras de apresentar a flexão de número é pela repetição do sinal, no caso dos verbos com concordância, a flexão de número refere-se à distinção feita para o(s) referente(s).** Pode-se dizer que o morfema gramatical se dá pelo aspecto contínuo,

Se liga nos sinais

ou seja, a mesma configuração de mão é repetida algumas vezes.

Exemplo:

Morfema lexical: PERGUNTAR

Morfema gramatical: REPETIR O SINAL ALGUMAS VEZES (plural).

*Dependendo da situação, você utilizará uma mão ou duas.

Número: é a flexão que indica o singular, o dual, o trial e o múltiplo. Existem várias formas de substantivos e verbos apresentarem a flexão de número na língua de sinais brasileira. Uma delas é a diferenciação entre singular e plural realizada por meio da repetição do sinal. No caso de verbos com concordância, a flexão de número refere-se à distinção feita para um, dois, três ou mais referentes” (PIZZIO; QUADROS; REZENDE, 2009, p. 34).

ADJETIVOS:

Os adjetivos designam uma qualidade, e seus sinais são mostrados a partir do objeto ou do corpo do emissor. Felipe e Monteiro (2009) afirmam que em geral os adjetivos são colocados a posteriori aos substantivos. No entanto, em alguns casos, pode-se observar o uso dos adjetivos em outras posições na frase também. Exemplo:

LS: Casa rei grande bonita LP: O rei vive num belo palácio

Brito (1995) propõe as seguintes classificações: adjetivos que qualificam pessoas e objetos (Ele alto); adjetivos formados a partir da descrição de objetos (O livro é grosso); e adjetivos que são representados por desenhos feitos no ar (A roda é redonda),

nessa última vale ressaltar que também existem adjetivos que se revelam no corpo do emissor (camisa de bolinha)

Conjunções:

Brito (1995), ao considerar, na época, a inexistência de referencial teórico na Libras para especificar como funcionava as articulações das orações, recorreu aos estudos sobre orações coordenadas e subordinadas com dados da língua americana de Sinais. De acordo com a pesquisadora, aparentemente, na ASL, tanto as coordenadas quanto as subordinadas apresentam a mesma forma, não havendo marca explícita de subordinação. O que define a dependência ou independência entre elas é o valor semântico de cada oração nas estruturas complexas. Logo, pode-se entender que, as conjunções são os sinais que ligam orações ou sinais da mesma oração. A Libras faz uso de algumas conjunções, sendo as mais importantes: Mas; também; ou; e antes.

Exemplos:

Você estudar manhã ou noite?

João carro ter, mas ônibus gostar!

Ana também Cida viajar Europa ano depois.

Antes sol agora chuva

Quantificação e intensidade:

As expressões faciais são intrínsecas a comunicação humana independentemente da língua em que é verbalizada ou sinalizada, por meio delas é possível expressar sentimentos, emoções e intenções para nosso interlocutor. Pizzio, Quadros e Rezende (2008) afirmam que as expressões faciais têm função

Se liga nos sinais

adjetiva, pois, a marcação de grau de tamanho e intensidade podem ser incorporadas aos substantivos e adjetivo. Ainda para as autoras, as expressões faciais podem ser divididas em dois grandes grupos:

[...] as expressões afetivas e as expressões gramaticais. As primeiras são utilizadas para expressar sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) e podem ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais. Conforme dito anteriormente, não são exclusivas das línguas de sinais. Nas línguas faladas, as pessoas também expressam suas emoções por meio de expressões faciais. Já as expressões gramaticais, estão relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados (PIZZIO; QUADROS; REZENDE, 2009, p. 35).

A quantificação e intensidade são obtidas pelo uso de expressões, muitas vezes alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um ritmo mais acelerado.

Exemplo:

Gostar x Gostar muito, a diferença está na expressão facial.

Trabalhar x Trabalhar muito, o sinal deve ser produzido com maior agilidade
Longe x Muito longe, estender o sinal.

vale lembrar que os sinais **muito** e **pouco** raramente são utilizados na língua de sinais, pois para quantificação e intensidade deve-se priorizar as expressões faciais e corporais.

Iconicidade e Arbitrariedade

A iconicidade e a arbitrariedade são características importantes da LIBRAS. A iconicidade é a relação direta entre o sinal e o objeto ou ação que ele representa, ou seja, há uma semelhança visual ou gestual entre o sinal e aquilo que ele significa. Por exemplo, o sinal de “copo” é feito com a mão simulando o gesto de segurar um copo e bater a palma em alguma superfície.

Já a arbitrariedade é a relação convencional entre o sinal e o objeto ou ação que ele representa, ou seja, não há uma relação natural ou lógica entre o sinal e o seu significado. Por exemplo, o sinal para o verbo “ter” é formado pela mão direita configurada em “L” no centro do tórax.

Salles (2004, p. 83) explica que a “questão da arbitrariedade do signo linguístico é um aspecto que sobressai no contraste entre as modalidades visuoespacial e oral-auditiva”. Embora a LIBRAS tenha muitos sinais icônicos, nem todos os sinais são totalmente icônicos ou totalmente arbitrários. Alguns sinais têm grau intermediário de iconicidade, ou seja, eles têm alguma relação gestual com o objeto ou ação que representam, mas também são convencionais e foram estabelecidos pela comunidade surda ao longo do tempo.

TIPOS DE ENUNCIADOS:

A língua de sinais utiliza as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, da mesma forma que a língua portuguesa utiliza as entonações vocálicas.

Por isso, para perceber se a sentença na Libras está no modo afirmativo, interrogativo, exclamativo, imperativo ou negativo, deve-se atentar as expressões faciais e corporais que são executadas simultaneamente com os sinais.

Exemplos:

Afirmativo: Expressão facial neutra e inclinar a cabeça de forma suave para baixo.

Exclamativo: Levantar as sobrancelhas e ligeiro movimento da cabeça para cima e para baixo.

Interrogativo: Sobrancelhas erguidas e franzidas. Levantar a cabeça suavemente.

Negativo: Sobrancelhas franzidas e movimento lateral da cabeça de um lado para o outro.

Imperativo: Sobrancelhas e boca franzidas.



ASPECTO VERBAL:

Há dois tipos de verbos na LIBRAS, os que possuem marca de concordância e os que não possuem.

1-Verbos que não possuem marca de concordância:

1.1-Verbos no infinitivo.

Exemplo:

Libras	Português
Eu trabalhar Carapicuíba	Eu trabalho em Carapicuíba
Eu água beber todo dia	Eu bebo água diariamente
Ele feijoada gostar	Ele gosta de feijoada

2-Verbos que possuem marca de concordância:

1-Concordância número-pessoal: A direção marca a relação das pessoas do discurso.

Exemplo:

Libras	Português
¹ Responder ²	Eu respondo a você
² Responder ¹	Você me responde

Eu¹ respondo a você² Você² me¹ responde

Se liga nos sinais

2.2. Concordância de gênero: Verbos vinculados a uma concordância de gênero, como: pessoa, animal ou coisa, e está relacionada a configurações de mãos.

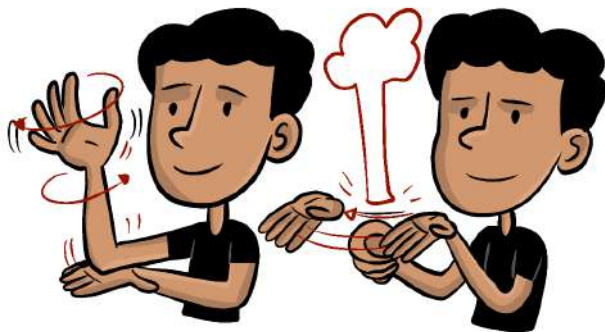
Exemplos:

Gênero	Libras
<i>Pessoa</i>	<i>Andar</i>
<i>Veículo</i>	<i>Andar / mover</i>
<i>Animal</i>	<i>Andar</i>

2.3-Concordância de lugar: Verbos que começam ou terminam em um determinado lugar, e referem-se a uma pessoa, coisa, animal ou veículo e está relacionado ao ponto de articulação.

Exemplo:

LS: Arvore cortar **LP:** Cortar a árvore



ESTRUTURA SINTÁTICA DA LIBRAS

Como já dito anteriormente, a Libras possui gramática própria e independente de qualquer língua oralizada. A ordem dos sinais na construção de frases e sentenças reflete as formas em que as ideias são processadas pelos surdos, tomando como base sua percepção visual-espacial da realidade.

Exemplo:

Desenhe abaixo um menino descendo a montanha:



Em geral a Libras estrutura suas sentenças em Objeto, Sujeito e Verbo, pois ela preza pela construção visual, veja:

LP: O passarinho pousou na árvore.

Sujeito Verbo Objeto

LS: **Árvore** passarinho pousar

Objeto Sujeito Verbo

Faça dois desenhos seguindo a ordem solicitada:

1º Um passarinho pousando na árvore.



2º Uma árvore e um passarinho sobre ela.

TOPICALIZAÇÃO DE CONSTITUINTES VERBAIS NA LÍNGUA DE SINAIS:

Na língua de sinais, a topicalização de constituintes verbais é realizada por meio de uma série de estratégias linguísticas, como a mudança de ordem.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), embora independentes, tanto a Libras quanto a língua portuguesa desfrutam da mesma ordem comum em suas sentenças, ou seja, ambas utilizam a estrutura sujeito, verbo e objeto S-V-O. **Portanto, umas das estratégias mais comuns de topicalização é a inversão da ordem dos sinais, por exemplo, em uma sentença como “eu vou comprar carne no açougue”, se o constituinte verbal “comprar carne” for o tópico, poderá ser antecipado na sentença.**

Do mesmo modo que a língua portuguesa, apresenta flexibilidade pragmática para dizer “eu gosto de maçã” ou “de maçã, eu gosto”, também é possível fazê-lo na língua de sinais. Esta flexibilidade na LP é representada pela vírgula, é que chamamos de topicalização, que na LS é elucidada a partir do movimento das sobranças para cima.

- **CLASSIFICADORES:**

É um recurso da língua de sinais utilizado para descrever a maneira, forma e tamanho de correspondentes na ação verbal.

São marcadores importantes, usados em conjunto com verbos, advérbios e ajudam na construção da estrutura gramatical por meio da incorporação do instrumento tem a função de

Se liga nos sinais

descrever a ação gerada por ele. Existem diferentes tipos de classificadores utilizados na descrição visual para referir além dos elementos acima citados: textura, paladar, cheiro, sentimentos, "olhar" desenhos de forma assimétrica, simétrica dentre outros. Exemplos de descrição visual:



LITERATURA SURDA:

O hábito de contar histórias é cultivado desde as primeiras civilizações, hábito este que pertence também a comunidade surda. Cabe a esta, então, zelar para que as narrativas, o ato de contar histórias, piadas e episódios em língua de sinais não desapareçam com o tempo.

Sabe-se que desde sempre entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, poemas, piadas histórias de vida entre outras.

A literatura surda tem uma tradição, todavia, enquanto era proibida de ser usada nas escolas, também não existiam publicações ou reconhecimento de uma cultura surda ou de uma literatura surda.

O avanço tecnológico proporcionou a chegada da literatura surda contemporânea, pois agora é possível gravar histórias através de nossos smartphones.

Quanto a análise de livros impressos é possível encontrar alguns livros cuja temática é surdez, a língua de sinais e / ou surdos por exemplo: A cigarra surda e as formigas, o som do silêncio, Adão e Eva contam a origem da língua de sinais, o patinho surdo, Cinderela surda, Rapunzel surda e entre outras.

Alguns materiais existentes são os que traduzem textos clássicos da literatura universal e ou brasileira para Libras.

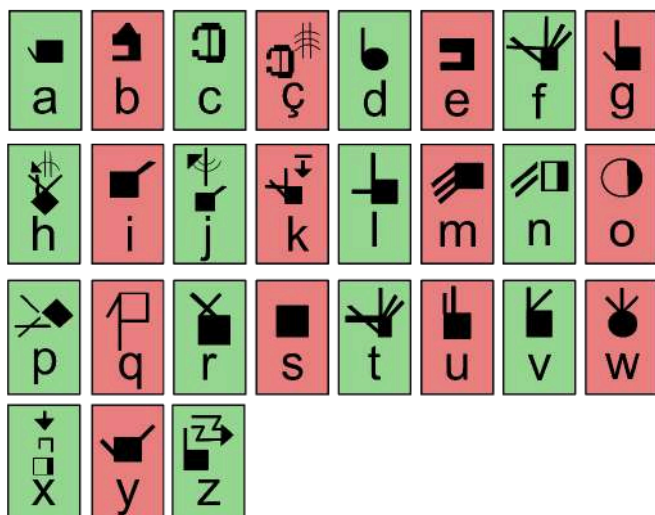


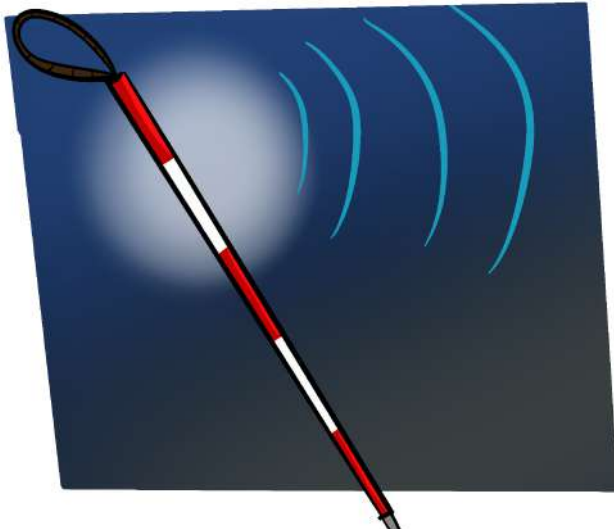
Se liga nos sinais

editora “Arara Azul” disponibiliza a coleção “Clássicos da literatura em CD-R em Libras / Português” em que uma equipe de tradutores faz a tradução da língua portuguesa para a Libras.

ESCRITA DE SINAIS (*SIGNWRITING*)

O *Signwriting* é um sistema de escrita de sinais, considerado uma ferramenta importante para a documentação e preservação das línguas de sinais, pois permite a representação de modo preciso e universalmente compreensível, por meio da representação de sinais tridimensionais em uma forma bidimensional. É composto por um conjunto de símbolos gráficos que representam não apenas os sinais em si, mas também a posição e a orientação das mãos e dos braços, além das expressões faciais e corporais utilizadas na língua de sinais.





“As melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas nem tocadas..., mas o coração as sente” por Hellen Keller.

Ao contrário do que muitos pensam a surdo-cegueira não é considerada múltipla deficiência, de acordo com o Grupo Brasil de Apoio aos Surdocegos (2003). É uma deficiente singular que apresenta perdas auditivas visuais em diferentes graus, levando a pessoa surdo-cega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhes o acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho.

A surdo-cegueira também pode ser pré ou pós linguística, ou seja:

Surdocego pré-linguístico é aquele que nasce ou adquire a deficiência antes da aquisição da língua materna. É importante lembrar que a deficiência pode ser encontrada em diversos graus, neste caso o primeiro passo será após um bom tempo de observação para escolher uma forma de comunicação. Geralmente a criança surdo-cega pré-linguística é atendida pelo instrutor mediador, profissional responsável por apresentar o mundo a pessoa surdo-cega.

Surdocego pós-linguístico. É o indivíduo que ficou surdocego após a aquisição de uma língua, seja esta oral ou gestual. Podem ser:

- » Pessoas com audição e visão normal
- » Pessoas com perda auditiva ou surdos congênitos com problemas visuais adquiridos
- » Pessoas com perdas visuais ou cegas com problemas auditivos adquiridos.

SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO PARA SURDOCEGOS

Escolher a forma de comunicação é algo muito particular de cada surdocego, pois são inúmeras as reflexões, tentativas, erros e acertos. Investigar a causa da deficiência é imprescindível, deve-se considerar que ela pode aparecer em qualquer fase da vida, para qualquer pessoa sem estereótipo. A escolha do sistema de comunicação mais adequado deve levar em conta as características e necessidades individuais de cada pessoa com surdo-cegueira. É importante também que o indivíduo seja capacitado para utilizar os sistemas de comunicação escolhidos, afim de promover autonomia e independência. Atualmente,

existem diversos sistemas comunicacionais disponíveis, alguns exemplos são:

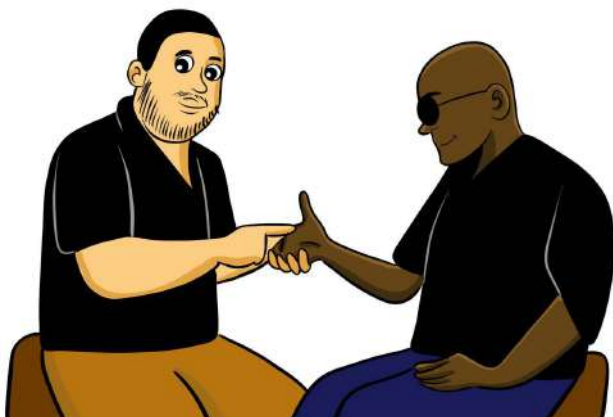
Fala ampliada: Pode ser feita utilizando um loop – Equipamento de frequência modulada conectado a um fone de ouvido que expande o som da voz humana, ou falar num tom de voz capaz de ser audível pelo surdocego bem próximo do ouvido.



Uso do LOOP

Se liga nos sinais

Escrita na palma da mão: Utilizando uma das mãos da pessoa surdo-cega como lousa o enunciador escreverá em letra bastão e a circunferência de cada letra ocupará toda a palma da mão da pessoa surdo-cega.



Dependendo da habilidade do surdocego, o enunciador poderá utilizar o dedo indicador da mão oposta do próprio surdocego como lápis.



Escrita ampliada: Com auxílio de um laptop aberto no bloco de notas e / ou uma televisão conectada por um cabo HDMI, essa última dependendo da necessidade do surdocego então você ampliará a fonte até que uma letra ocupe toda a tela, você também poderá ajustar a cor da fonte e o contraste que melhor atendem o surdocego e a partir de aí soletrar as palavras.



Meios técnicos com saída em braille: Um teclado de computador conectado a um display braille, todas frases digitadas são automaticamente transcritas para o braille com o auxílio da tecnologia.



Se liga nos sinais

Placas alfabéticas: Placa de alto-relevo podendo o alfabeto ser confeccionada com letras móveis sendo apontada pelo enunciador para que o surdocego possa tatear as letras ou senti-las através do braille.

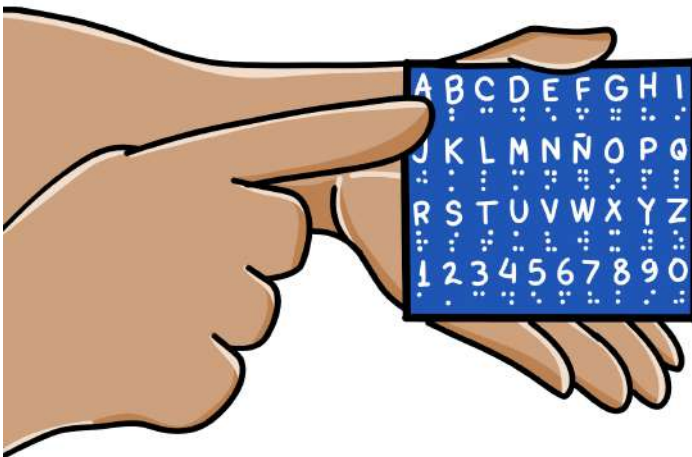
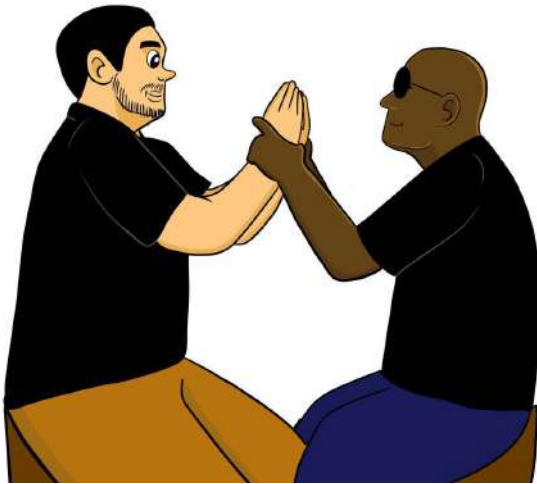
Alfabeto manual tátil: O surdocego apoiará uma ou duas mãos de acordo com sua preferência sobre a mão da pessoa que está sinalizando, entretanto, o enunciador deverá soletrar letra por letra por meio da datilologia da Libras.



Libras tátil: A pessoa surdocega apoiará suavemente suas mãos sobre a mão do sinalizador, que percorrerá o discurso em língua de sinais.



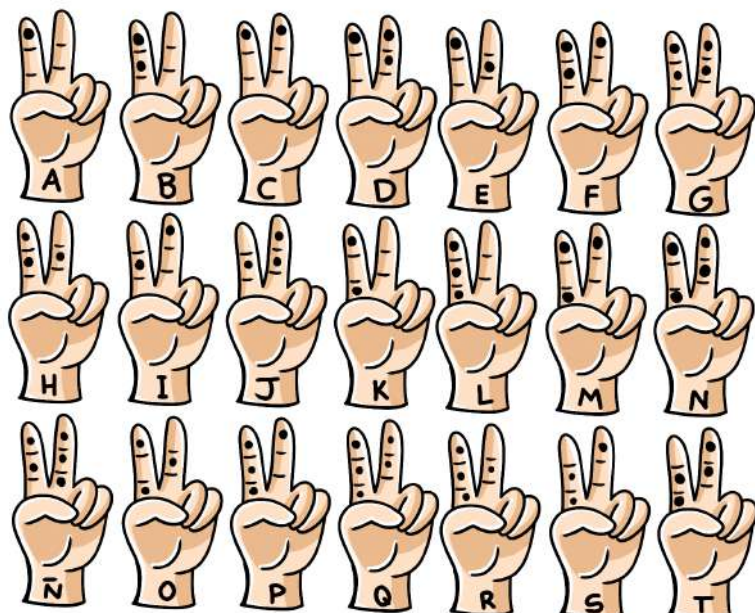
Libras em campo reduzido: Para aquele surdocego nativo da Libras que está perdendo a visão gradativamente então o surdocego posiciona a mão do sinalizador de uma forma em que elas não saiam do seu campo de visão.



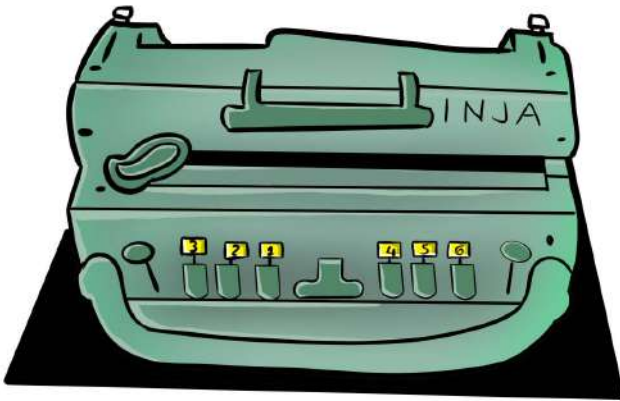
Se liga nos sinais

Braille tátil: Esta forma de comunicação possibilita-se utilizando uma ou duas mãos.

Caso opte por uma mão, a mão do surdocego deverá ficar configurada na letra U do alfabeto manual e as seis falanges representarão as seis celas do braille.

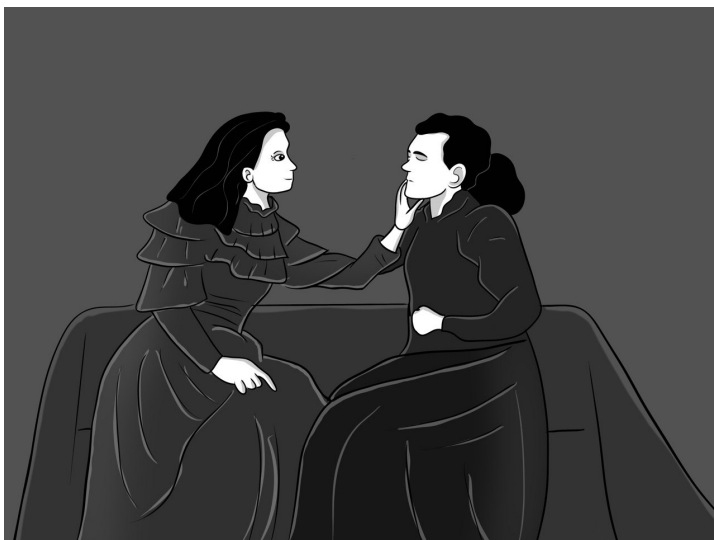


Caso seja feita com as duas mãos, o dedo indicador esquerdo corresponderá a cela 1, o dedo médio esquerdo corresponderá a cela 2, o dedo anelar esquerdo corresponderá a cela 3, o dedo indicador direito corresponderá a cela 4, o dedo médio direito corresponderá a cela 5, o dedo anelar direito corresponderá a cela 6.



Se liga nos sinais

Tadoma: A pessoa surdocega posicionará os dedos polegar, indicador e médio nas bochechas próximo a boca, já os dedos anelar e mínimo ficam encostados na garganta do enunciador e através da vibração das cordas vocais e o movimento da boca a pessoa surdocega compreenderá a mensagem.



PARA MELHOR ENTENDER OS CRITÉRIOS QUE LEVAM A ESCOLHA DO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO, RESPONDA COM SEU PROFESSOR A TABELA A SEGUIR:

	RESÍDUO VISUAL	RESÍDUO AUDITIVO	DOMÍNIO DA LP	DOMÍNIO DA LS	DOMÍNIO DA ALFABETO MANUAL	DOMÍNIO BRAILLE	PERCEPÇÃO TÁTIL
FALA AMPLIADA		X	X				
ESCRITA NA PALMA DA MÃO			X				X
FALA AMPLIADA	X		X				
MEIOS TÉCNICOS COM SAÍDA EM BRAILLE			X			X	X
PLACAS ALFABÉTICAS			X			X	X
ALFABETO MANUAL TÁTIL			X				
ALFABETO DAS DUAS MÃOS			X				X
LIBRAS TÁTIL			X				
LIBRAS EM CAMPO REDUZIDO	X			X	X		X
BRAILLE TÁTIL				X	X		
BRAILLE TÁTIL			X			X	X
BRAILLE TÁTIL			X				X

BRAILLE:

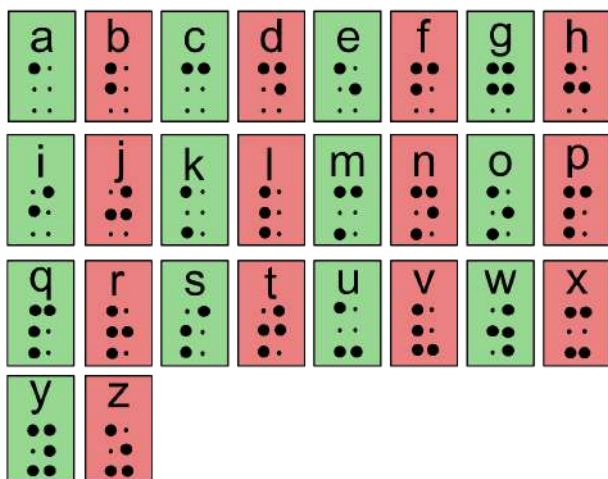
Diferentemente da Libras que é uma língua, o braille é um código que consiste na combinação de seis pontos e por meio deles podemos combinar todas as letras, números e pontuações.

Veja como funciona:

1	4
2	5
3	6

Esta é a cela braille, seus pontos são organizados desta maneira.

Vale lembrar que a combinação é a mesma em qualquer parte mundo, a única coisa que muda é a língua em que está sendo transcrito.



DICAS DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA AUXILIAR A CONVIVÊNCIA COM AS PESSOAS SURDOCEGAS:

Ao conduzir uma pessoa surdocega ou com deficiência visual, a pessoa com deficiência deverá ficar um passo para trás. A pessoa conduzida segurará no antebraço, cotovelo ou ombro do guia-intérprete, lembrando que a posição deverá ficar confortável para ambos. Ao passar por lugares estreitos o mais indicado é que o trajeto seja feito em fila única.



Ao abrir porta, utilizar escadas, subir ou descer calçadas, sentar-se, entrar no carro. Para tudo é necessário deixar a pessoa surdocega sentir a ação e se possível o objeto.

DESCRIÇÃO VISUAL:

Ao descrever algo para um surdocego, deve-se realizar somente a descrição, sem acrescentar nenhuma interpretação ou juízo de valor.

As descrições se destinam a fornecer informações sobre: ambientes físicos, interiores, exteriores, pessoas, objetos e entre outros. Fornecendo um contexto a ser abstraído senso assim, as descrições visuais devem partir do geral para o específico, devem seguir uma ordem na seleção das informações e utilizar sempre o surdocego referência para descrever os ambientes.

Portanto, o audiodescritor deve ser:

- ✓ Objetivo
- ✓ Breve
- ✓ Descritivo
- ✓ Lógico
- ✓ Paciente
- ✓ Variado
- ✓ Persistente
- ✓ Responsável
- ✓ comprometido.

TRADUTOR / INTÉRPRETE DE LIBRAS

A Lei Federal 12.319, publicada em 01 de setembro de 2010, traz a seguinte definição:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (Lei nº 12.319 de 2010).

Santos e Rodrigues (2022) afirmam que desde os anos de 1980, quando os TILSP começaram a atuar em contextos educacionais e religiosos, a busca por profissionalização e uma constante e o entendimento de que qualquer pessoa pode se tornar um TILSP, não apenas os familiares de surdos sinalizantes, tornou-se comum. Essa profissionalização tem sido construída gradativamente

Configuradas as questões acima, são descritas abaixo seis categorias que compõem as competências necessárias para atuação do tradutor e intérprete, de acordo com Roberts (1992), descrição presente no material do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, publicado pelo MEC/SEESP (2004, p. 73 e 74):

(1) competência linguística - habilidade em manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuances e habilidade

em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo), os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (ter habilidade para distinguir as ideias principais das ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso).

(2) competência para transferência - não é qualquer um que conhece duas línguas que tem capacidade para transferir a linguagem de uma língua para a outra; essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo (sem distorções, adições ou omissões), habilidade para transferir uma mensagem na língua fonte para língua alvo sem influência da língua fonte e habilidade para transferir da língua fonte para língua alvo de forma apropriada do ponto de vista do estilo.

(3) competência metodológica - habilidade em usar diferentes modos de interpretação (simultâneo, consecutivo, etc), habilidade para escolher o modo apropriado diante das circunstâncias, habilidade para retransmitir a interpretação, quando necessário, habilidade para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso, habilidade para recordar itens lexicais e terminologias para uso no futuro.

(4) competência na área - conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.

(5) competência bicultural - profundo conhecimento das culturas que subjazem as línguas envolvidas no processo de interpretação (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo e apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo).

(6) competência técnica - habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar, habilidade para usar microfone e habilidade para interpretar usando fones, quando necessário. Ainda sobre essa definição, a Norma 15599 da ABNT (2008) aponta os requisitos necessários para ser um profissional intérprete de Libras: O intérprete de LIBRAS deve ser: a) conhecedor dos aspectos relacionados com a cultura surda; b) capacitado nas duas línguas: LIBRAS e língua portuguesa; c) capacitado, quando possível, na interpretação de outro idioma, diferente do português, para LIBRAS, e na tradução de LIBRAS para esse outro idioma, visando a atuação em eventos internacionais. O intérprete de LIBRAS deve ser habilitado na interpretação: a) da língua portuguesa, oral e escrita, para LIBRAS; b) de LIBRAS para a língua portuguesa, oral e escrita. O intérprete de LIBRAS deve ter: a) conhecimento e fluência no uso de LIBRAS; b) conhecimento

Se liga nos sinais

aprofundado sobre a gramática das duas línguas: Língua portuguesa e LIBRAS; c) domínio das técnicas de interpretação; d) boa dicção e voz agradável, para transmissão clara do que for dito por pessoas surdas.

Ainda sobre essa definição, a Norma 15599 da ABNT (2008) aponta os requisitos necessários para ser um profissional intérprete de Libras:

O intérprete de LIBRAS deve ser: a) conhecedor dos aspectos relacionados com a cultura surda; b) capacitado nas duas línguas: LIBRAS e língua portuguesa; c) capacitado, quando possível, na interpretação de outro idioma, diferente do português, para LIBRAS, e na tradução de LIBRAS para esse outro idioma, visando a atuação em eventos internacionais. O intérprete de LIBRAS deve ser habilitado na interpretação: a) da língua portuguesa, oral e escrita, para LIBRAS; b) de LIBRAS para a língua portuguesa, oral e escrita.

O intérprete de LIBRAS deve ter: a) conhecimento e fluência no uso de LIBRAS; b) conhecimento aprofundado sobre a gramática das duas línguas: Língua portuguesa e LIBRAS; c) domínio das técnicas de interpretação; d) boa dicção e voz agradável, para transmissão clara do que for dito por pessoas surdas.

Santos et al. (2020 p.12) definem que o tradutor e intérprete da Libras / Língua Portuguesa é o profissional que tem a competência para realizar a tradução e interpretação

entre as duas línguas (Libras e Língua portuguesa), de maneira simultânea ou consecutiva, visando a comunicação entre surdos e ouvintes.

Para Machado e Feltes (2015 p. 4) os profissionais que atuam como TILSP vêm sendo inserido nos mais diversos contextos na sociedade. Essa iniciativa se deve à legislação vigente do País, com o propósito de levar as instituições a cumprirem a inclusão social da acessibilidade comunicacional. Nesse sentido, os TILSP têm atuado, também, em contexto político. Nascimento (2011, p.80) considera o intérprete de Libras, um agente de acessibilidade para que telespectadores surdos tenham acesso aos conteúdos produzidos na mídia televisiva.

Nesse cenário, Machado e Feltes (2015 p. 4) destacam a importância de os TILSP estarem em formação continuada, no intuito de aprimorar o ritmo processual cognitivo e contextuais, gerenciando as competências multifacetadas que estão implicadas em diferentes contextos de atuação. Santos e Rodrigues (2022), considerando essas transformações sociais favoráveis a ampliação da veiculação da tradução para a língua de sinais na janela de Libras e de sua obrigatoriedade, perceberam que há pouca produção desenvolvida para os TILSP que atuam no contexto político televisivo, por ser ainda recente a presença do TILSP neste contexto.

A FEBRAPILS, Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guiaintérpretes de Língua de Sinais, afim de sistematizar parâmetros e procedimentos adotados para a organização de equipes de trabalhos na realização de atividades de interpretação e guia-interpretação de Libras para

Se liga nos sinais

Língua portuguesa e vice-versa, publicou em 2012 a Nota Técnica nº 2 que versa o seguinte sobre o revezamento de equipes:

A atuação do intérprete e do guia-intérprete na interpretação simultânea e consecutiva por longos períodos de tempo o expõe a sobrecarga de trabalho, podendo resultar em lesões físicas por esforço repetitivo. E quando realizado por apenas uma pessoa durante longos períodos prejudica a qualidade na interpretação, uma vez que, devido ao intenso esforço cognitivo maior número de omissões podem ocorrer e o profissional perde a capacidade de se auto monitorar em sua produção.

Nesse sentido, as pesquisas que vem sendo desenvolvidas com esses profissionais recomendam a troca entre as funções de uma equipe de intérpretes num período de 20 até 30 minutos. Estudos indicam que esse período é o tempo adequado para a concentração do intérprete, depois desse tempo (20m-30m), inicia-se um processo de fadiga mental que afeta a produção da mensagem

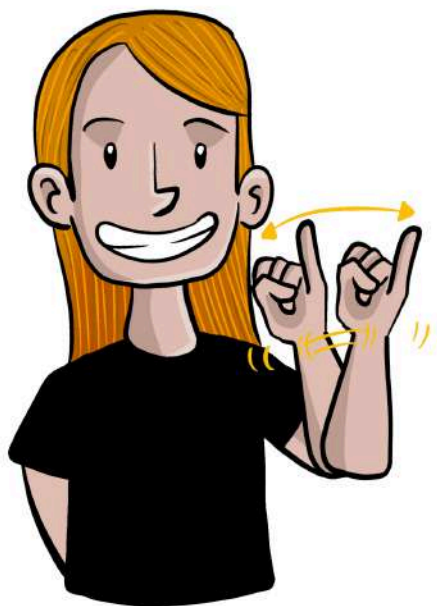
Entende-se que uma interpretação e/ou guia-intepretação em equipe ocorre quando dois ou mais intérpretes e/ou guias-intérpretes estão responsáveis pela atividade (FREBAPILS, Nota técnica nº 02/2017).



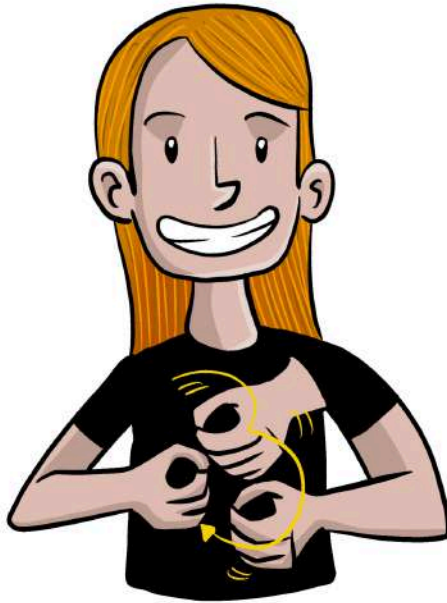
SINALÁRIO



SÃO PAULO



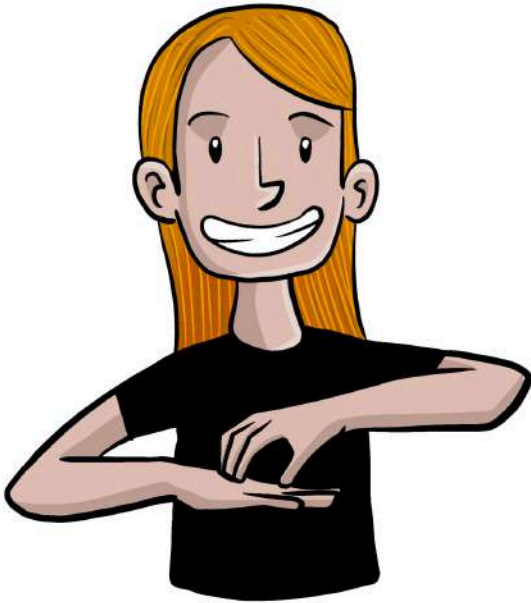
ITAPEVI



BAIRRO



AMADOR BUENO

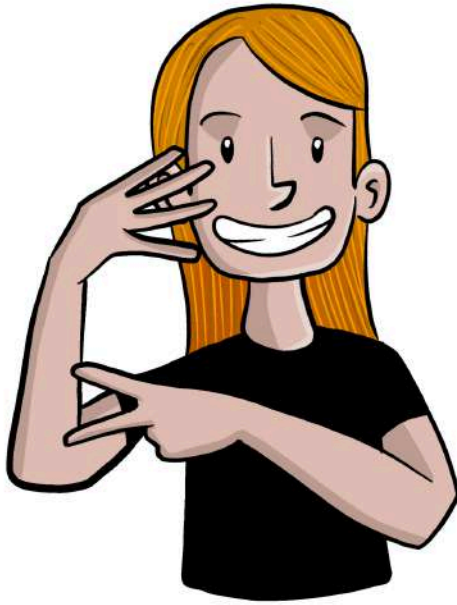


JARDIM RUTE

Se liga nos sinais

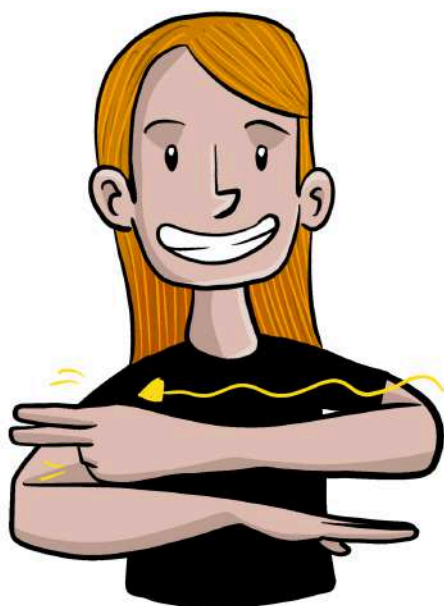


VILA JÓIA

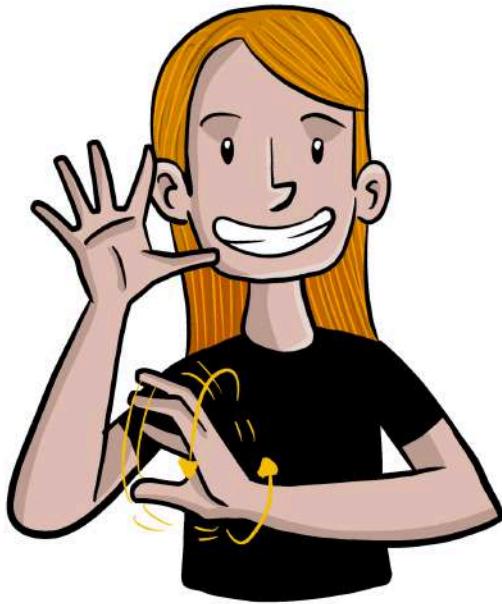


JUREMA

Se liga nos sinais

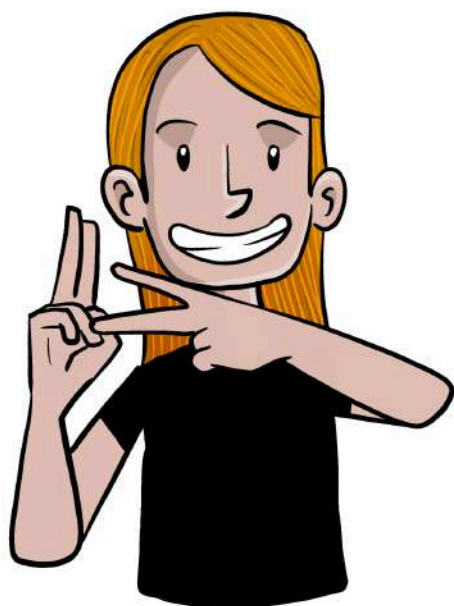


DIVISA SÃO ROQUE

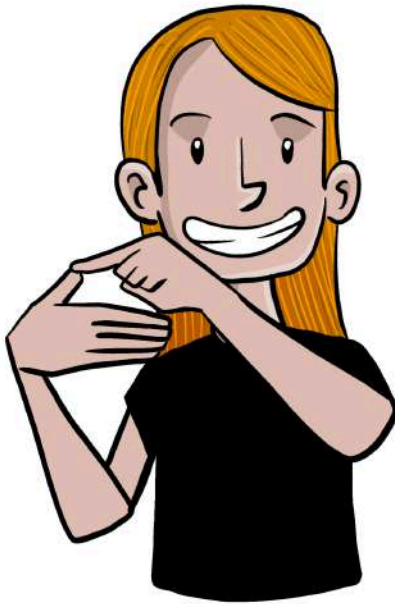


AMBUITÁ

Se liga nos sinais

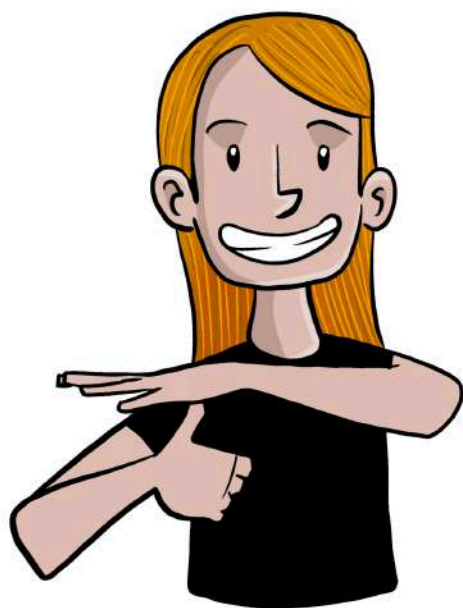


VILA SANTA RITA

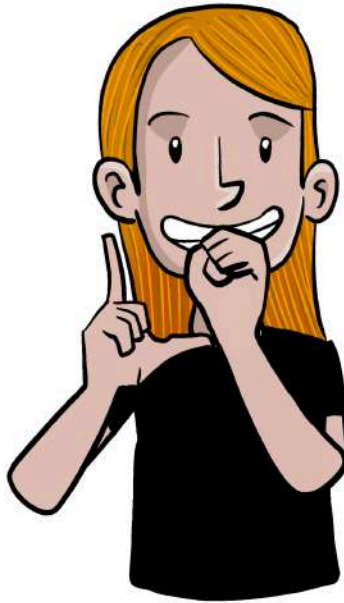


JARDIM SANTA RITA

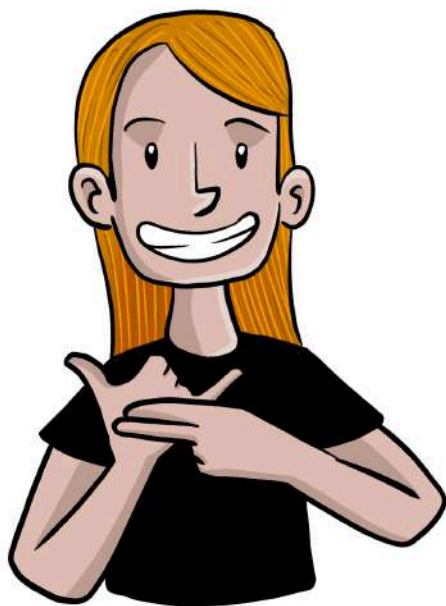
Se liga nos sinais



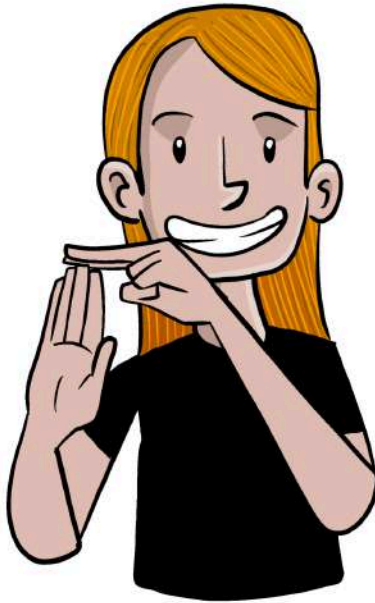
JARDIM PORTELA



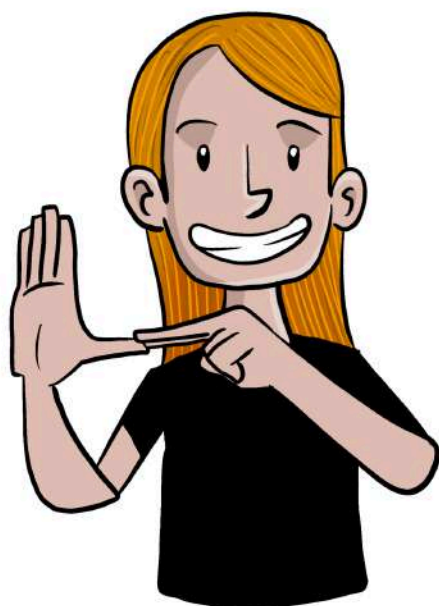
SÃO CARLOS



ROSEMARY



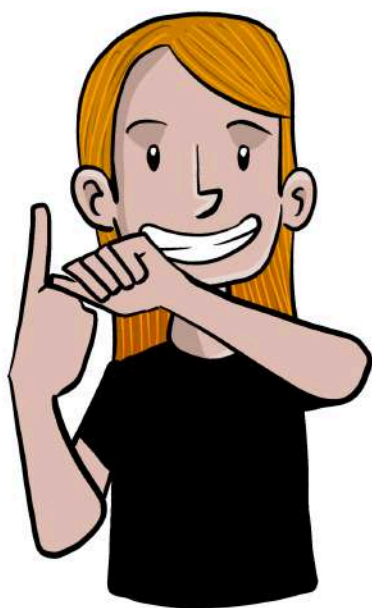
BELA VISTA ALTA



BELA VISTA BAIXO



CARDOSO



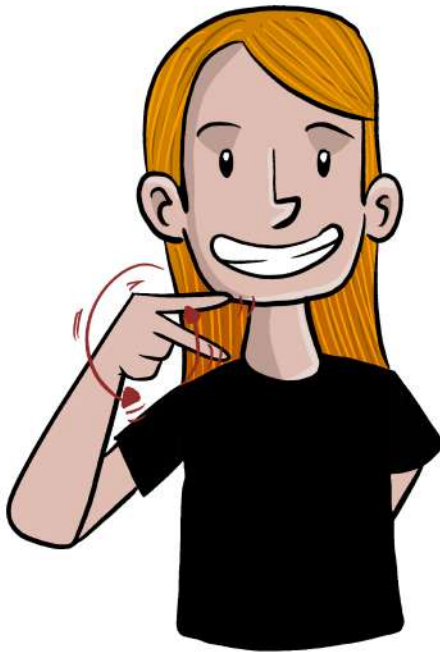
SUBURBANO 1



SUBURBANO 2



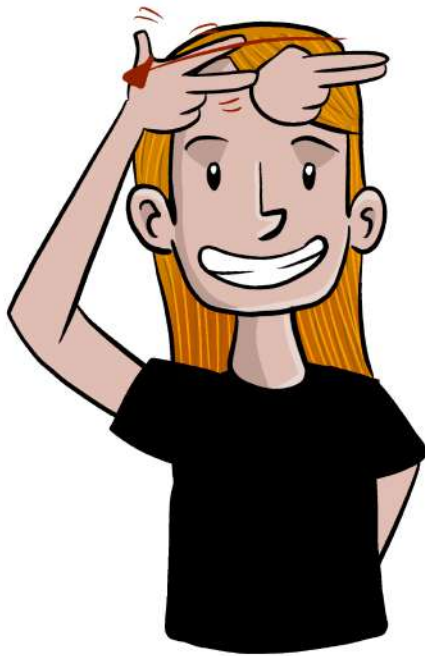
SENADOR



VEREADOR

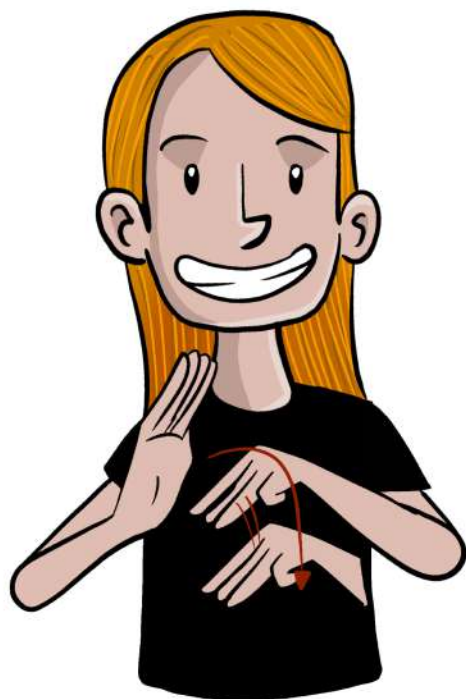


PRESIDENTE



PREFEITURA

Se liga nos sinais

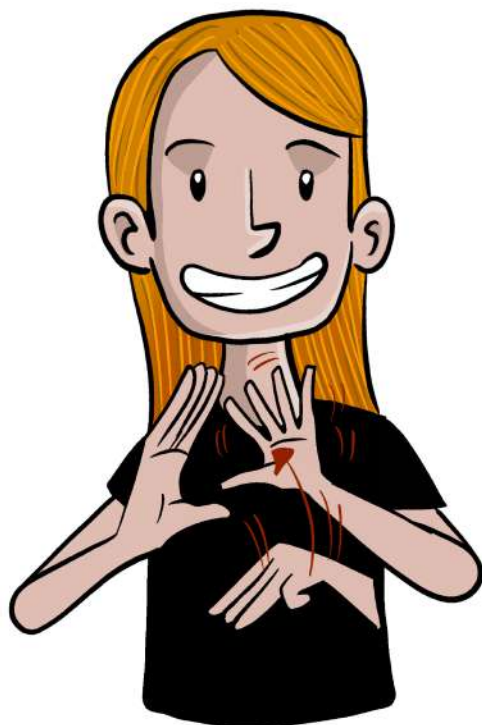


MUNICÍPIO DE ITAPEVI

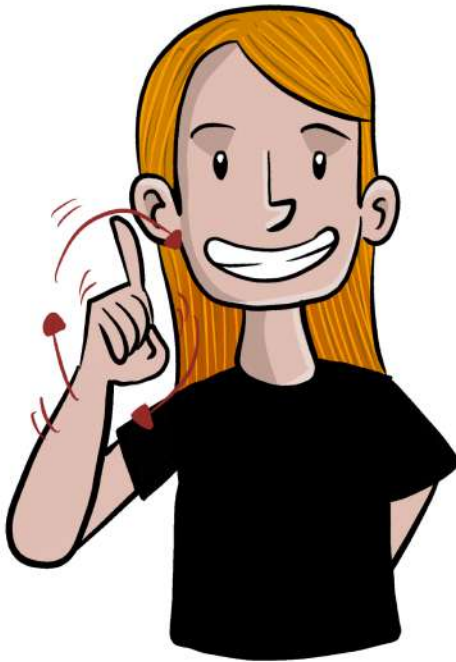


BRASIL

Se liga nos sinais



ESCOLA DO PARLAMENTO DE ITAPEVI



DEPUTADO

POSFÁCIO

A Língua de Sinais é muitas vezes identificada como uma forma de linguagem simplificada constituída de gestos, facilmente compreensíveis que se limitam a identificar ações e objetos comuns. Isto nos permite presumir que a língua de sinais seja, portanto, uma só, comum para os indivíduos surdos de todo mundo. E será mesmo assim?

Obviamente, não existe nada de mais errôneo da afirmativa acima, pois, a Língua de Sinais é uma verdadeira e própria língua e representa as mesmas características das línguas orais.

Para promover e transmitir a importante ciência da LIBRAS, o trabalho desenvolvido há quinze anos pelo professor Jadson Nunes, resulta no livro **“SE LIGA NOS SINAIS”**. Verdadeira obra científica recém concluída, dirigida, sobretudo, à comunidade escolar que tanto necessita de trabalhos deste gênero. Trata-se de uma relevante contribuição tanto para os que ensinam quanto aos que necessitam e desejam aprender.

Emanuel von Lauenstein Massarani
Patrono e Curador do Museu de Arte de Itapevi

REFERÊNCIAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. Acessibilidade - comunicação para prestação de serviços. NBR 15599. Rio de Janeiro, 2008.

ALBRES, N. A.; SLYVIA, L. G. N. **De sinal em Sinal:** Comunicação em Libras para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares. São Paulo: Feneis, 2008.

ALMEIDA, A.M. **Ver pelo mundo do toque e “Ouvir” pelo silêncio da palavra:** a educação de crianças cegas e surdas no Brasil (1854 – 1937). São Paulo. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica, 2018.

AZEVEDO, T. M.; ROWELL, V. M. A Língua Portuguesa como instrumento de aquisição de conhecimentos no Ensino Fundamental: algumas reflexões. **Teorias do discurso e ensino**, p. 12, 2009.

BORNE, R. M. M. **Representações dos surdos em relação à surdez e implicações na interação social.** Dissertação de mestrado, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais –

Se liga nos sinais

Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BRASIL, Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais.** [reimpr. 1995]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

CICCONI, M. **Comunicação total:** introdução, estratégias a pessoa surda. 2ªed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

DORZIAT, A. Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica. **Revista Integração**, n. 18, p. 8-13, 1997.

FEBRAPILS, Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guiaintérpretes de Língua de Sinais. Nota Técnica nº 02/2017.

FELIPE, T A; MONTEIRO, M S. **Libras em Contexto:** curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez.** Artmed. Porto Alegre. 2003.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. **Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS,** 2009.

Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>>

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. Linguagem, surdez e bilingüismo. **Lugar em fonoaudiologia**. Rio de Janeiro, Estácio de Sá, n. 9, set., p 15-19, 1993.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

KARNOPP, L. Aquisição de Locações na Língua Brasileira de Sinais. **Letras de Hoje**, n. 36, p. 383-390, Porto Alegre, 2001.

LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F.S.; CAETANO, J. F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

LEVINSON, S.C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, p. 65-116, 2007.

Se liga nos sinais

LODI, A C B. **Uma leitura enunciativa da Língua Brasileira de Sinais**: O gênero contos de fadas. D.E.L.T.A., São Paulo, v.20, n.2, p. 281-310, 2004.

MACHADO, F. M. A, e FELTES, H. P. M. A Interpretação simultânea no contexto político. Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 236-268, jul, 2015.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R.C. M. F. **Morfologia do Português**. UFSC, UAB. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009. Disponível em: <https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Morfologia_UFSC.pdf> Acesso em: 21 agosto 2021

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

NASCIMENTO, Marcus Vinícius Batista. Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. (Dissertação de Mestrado). São Paulo – SP. LAEL/PUC-SP, 2011.

PERLIN, G. **História de Vida Surda**: identidades em questão. Porto Alegre, UFRGS, 1998, 93p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez – um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.

PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na modalidade a Distância. Florianópolis. 2009. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf> Acesso em: 21 agosto 2021

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Se liga nos sinais

REZENDE, P. L. F. **Implante Coclear na constituição dos sujeitos surdos.** Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte: UFMG, 1988.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil.** Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, H. M. M. L. *et al.* **Ensino de língua portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANTANA. A. P. **Surdez e Linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, W e RODRIGUES, C.H. Uma análise do perfil de tradutores / intérpretes de Libras – Português no contexto político televisivo brasileiro. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: Contextos profissionais, formativos e políticos. Florianópolis; Editora Insular, 2022.

SANTOS, J. N.; CARAMEZ, L. L.; ALMEIDA, A. M. de. Cidadania comunicativa: um estudo de caso sobre acessibilidade para pessoas surdas e com deficiência auditiva nas Câmaras Legislativas das regiões de São Paulo e Sorocaba. Revista do Parlamento de Itapevi Democracia e Cidadania. V. 1, n.1, p.30-46, 2020.

SKLIAR, C. **A Surdez:** Um Olhar sobre as Diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure:** An Outline of the visual communication System of the American Deaf. New York: Buffalo University, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a Distância. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf> Acesso em: 24 agosto 2021.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

“Se Liga nos Sinais” é mais do que um livro; é uma jornada educacional e emocionante, que desvenda as camadas profundas da língua e cultura dos surdos, promovendo uma maior compreensão e apreciação da riqueza dessa comunidade vibrante e diversificada.

